Semanário Regional • Director de Mérito **José Ribeiro Vieira** • Director **Francisco Pedro** • Ano XL • Edição 2097 • **Quinta-feira, 19 de Setembro de 2024** •

Vítor Ilharco, fundador da APAR

"Nas nossas cadeias, mais de 50% dos reclusos portugueses já são filhos de outros reclusos"

"A cadeia é um armazém onde se colocam os criminosos pobres"

Págs. 6 e 7

Instituto das florestas tem viaturas paradas por falta de inspecção

Viaturas de primeira intervenção, entregues há dois anos aos sapadores florestais, não podem circular por falta de homologação. ICNF culpa a empresa fornecedora e anuncia a abertura de um inquérito **Pág. 10**

RICARDO GRAÇA

Berlenga: o refúgio dos homens do mar

Págs. 4 e 5

Mobilidade

Trânsito entre Leiria e Marinha sobe para 22 mil carros por dia

Pág. 9

Sociedade

Detidos três suspeitos de atearem sete fogos na região

Última

Tradição

Aposentado recupera barco típico de S. Martinho do Porto

Pág. 8

RADAR

IMAGEM VIAGEM TIAGO BAPTISTA

OLHO CLÍNICO

Bruno Lopes e Silva

É natural da Marinha Grande, o vencedor da primeira edição do Prémio Nacional de Jovem Engenheiro, promovido pela Ordem dos Engenheiros. A concluir um doutoramento na Universidade da Catalunha, em Espanha, Bruno Lopes e Silva diz que o reconhecimento é o ápice de uma jornada onde sempre adquiriu competências e conhecimentos e os partilhou.

Jordan Santos

Jordan Santos destacou-se no Campeonato Europeu de Futebol de Praia como o melhor marcador da prova, com 11 golos apontados. Os golos deste nazareno, de 33 anos, voltaram a ajudar Portugal na conquista do título europeu.

Nuno Banza

Embora o ICNF adiante que a situação foi resolvida e que atribua responsabilidades ao fornecedor das viaturas, o instituto liderado por Nuno Banza manteve-se demasiado tempo com viaturas paradas por falta de inspecção, como denuncia o Sindicato Independente dos Trabalhadores da Floresta, Ambiente e Protecção Civil.

IMPRESSÕES

A Cidade às Cores, mas em Camadas

Florbela Oliveira

Adalberto costumava adormecer enleando-se, voluntariamente, por caminhos revoltos. Poderia, simplesmente, contar carneiros, branquinhos, fofos e ordeiros, mas não! Nesta noite, nesta de que vos falo, resolveu focar-se numa cidade, literalmente às cores e literalmente às camadas. Não, não era às camadas como a cebola, visão gasta e batida! Era às camadas como aquelas fatias de bolo que agora se recolhem em copos de vidro translúcido, permitindo verificar-se a proeza do pasteleiro, qual arquiteto de doces.

A Cidade às Cores, mas em Camadas iniciava com um azul onde se passeava o céu, a água das chuvas e o ganso patola que, a propósito, vive nos Galápagos e exibe, orgulhoso, as suas patas azuis. Nesta camada, respiravam-se calma, paz, ordem e confiança e medravam frutos azulados como o mirtilo e o açaí, que não se ingere cru, mas, como verão à medida que vão lendo, há quem o faça!

Florescia, a seguir, um amarelo onde prosperava o Sol, cresciam bananas, limões e girassóis, onde voavam canários e se revolvia o pólen que as abelhas bebiam. Habitavam, também, aqui, o ouro, a riqueza e a prosperidade e, mais difusamente, a traição e a covardia.

Um verde alimentava a terceira fila. Moravam nela a segurança, o otimismo e a saúde... Adalberto arrepiava-se à medida que perdia o controlo do pensamento que, malandro, avançava, repugnantemente, para rãs, lagartos e cobras... Cerrou os olhos, com força, conseguindo debelar a fuga substituindo-a, antes, por lindas plantas e pela enorme (infortunadamente, agora menor) Amazónia.

Adalberto arrepiava-se à medida que perdia o controlo do pensamento

Um vermelho vivo, de raiva, despertou-o do torpor que parecia alcançar. Não discernia se era aquela a cor seguinte ou se era a ira a tomar conta dele face à constatação. Enterrou a cabeça na almofada, derivando o pensamento, antes, para cerejas e framboesas que, luzidias, resplandeciam. De repente, duas formas ovais, brancas, com uma pinta no meio, galgaram da noite negra. Era esta a última camada que enxergava. Espreitou, assustado, elevando, vagarosamente, o rosto do travesseiro. Eram, seguramente, dois olhos que o observavam. Havia, também, um fragmento carmim e húmido oscilando em círculo. Era, seguramente, uma língua. Depois, um novelo de lã, farfalhudo e escuro como breu, estoirou a tela do quadro que, agarrado à parede, inspirava Adalberto nas histórias que desfiava. Desassossegada, a velhaca, pulou as cercas que definiam as camadas e comeu tudo, incluindo, como vos disse, o açaí. E tudo se misturou no buxo! E todas as cores que pisava se misturavam no chão.

«Abençoada Ovelha Negra!», Adalberto bendizia, «Ditoso gene recessivo que te criou!»

E, quando uma noite branca se anunciava, Adalberto olhava o rasgão da tela que ele próprio, inadvertidamente, fizera e contava as negras ovelhas que, graciosas, de lá saíam, lançando a desordem e o caos na ordeira urbe. Havia, praticamente, todas as noites, teimosas patas impressionistas espalhando tintas e eZbatendo conZZervadoraZZZ... camadaZZZZ...ZZZZZ... ZZZZZZ...

Professora e escritora

Texto escrito segundo as regras do Novo Acordo Ortográfico de 1990

FÓRUM DA SEMANA

É uma boa estratégia para Leiria querer entrar na rota do grandes concertos?

A actuação da autodenominada maior banda de rock do mundo no Estádio Magalhães Pessoa, em Leiria, superou as expectativas dos organizadores e dos milhares de espectadores que assistiram ao espectáculo e serviu incentivo à Câmara Municipal de Leiria para procurar entrar na rota dos grandes espectáculos nacionais e internacionais. "Com este concerto, Leiria entrou definitivamente no mapa dos grandes espectáculos em Portugal, reforçando a nossa capacidade organizativa e a ambição de nos afirmarmos como um polo cultural e turístico de referência a nível nacional", afirmou o presidente da autarquia, Gonçalo Lopes, na nota de balanço ao evento. Fabion Zaffagnini, mentor do Rockin'1000, já anunciou o regresso do evento a Portugal em 2025, com data e local ainda por definir. A Câmara de Leiria disponibilizou-se de imediato para voltar a receber o espectáculo.

Pedro Vindeirinho, fundador da editora Rastilho

E porque não ? Temos o estádio ao serviço da cidade que pode e deve ser usado para eventos de grande dimensão como este Rockin'1000. Qualquer promotor o pode usar, desde que apresente um projecto sólido e atractivo para a nossa cidade. Contudo, não devemos "embandeirar em arco" e pensar que a cultura se resume a eventos de massas como este. Não basta um evento desta magnitude para pensarmos que estamos na rota dos maiores eventos culturais de Portugal. Mas este evento faz parte de uma política cultural seguida há muitos anos pela CML, de apoio a eventos que atraem pessoas a Leiria (Extramuralhas, por exemplo). Em suma, parabéns a quem transformou este evento num sucesso comercial mas... vamos com calma nos panegíricos!

Bruno Julião, músico

Acho que sim. Geograficamente estamos numa zona muito central do País, perto de Coimbra, entre Lisboa e Porto. E a cidade está bem preparada para receber grandes concertos, seja pelo estádio que tem, seja pela capacidade hoteleira. Além de Leiria, existe também essa oferta hoteleira nos concelhos vizinhos.

Hugo Ferreira, fundador da Omnichord

Qualquer evento que promova o território e que seja capaz de atrair tanto notoriedade como impacto económico, pode ser sempre interessante. Especialmente se não interferir em demasia com o funcionamento normal da cidade. Um evento que promova a deslocação de pessoas de fora, especialmente como este, por vários dias, até à cidade de Leiria, é extremamente importante. Já temos cá exemplos. O Extramuralhas, à sua escala, tem trabalhado isso muito bem. Tal como variadíssimos outros eventos, tanto desportivos como culturais.

José Benzinho, economista e ex-vereador

Leiria dispõe de uma infra-estrutura multiusos adequada para vários tipos de eventos de dimensão. Os grandes concertos são um deles, salvaguardadas as características do Estádio Dr. Magalhães Pessoa. O estádio tem como valências principais o futebol e o atletismo. Atrair jogos da selecção nacional e campeonatos europeus de atletismo são importantes para valorizar a infra-estrutura e a região, sem perder de vista a rendibilidade. Acolher um grande concerto no final de cada temporada desportiva será uma óptima opção, desde que economicamente viável.

EDITORIAL

Ignorância fatal

Francisco Pedro

O drama dos incêndios abateu-se de novo sobre o nosso País. À hora de fecho desta edição, as regiões Norte e Centro eram as mais fustigadas pelas chamas, com muitos hectares de floresta ardidos, várias casas destruídas e, lamentavelmente, pelo menos sete mortes confirmadas.
O estado de alerta tinha sido decretado para todo o território nacional, face às condições metereológicas adversas, mas por teimosia ou ignorância, as limitações de segurança impostas pela Protecção Civil de pouco ou nada serviram para prevenir a ocorrência de incêndios. Veja-se, por exemplo, o caso dos dois homens identificados pela GNR de Pombal, no passado fim-de-semana, por suspeita de terem causado incêndios no concelho.
De nada serviram as proibições da realização de queimadas de sobrantes agrícolas, ou da utilização em espaços rurais de motorroçadoras de lâminas ou discos metálicos, corta-matos, destroçadores e máquinas com lâminas ou pá frontal. Porque, segundo as autoridades, foi isso mesmo que eles fizeram. Um decidiu queimar sobrantes agrícolas e perdeu o controlo das chamas, que alastraram a uma zona de eucalipto. O outro estava a operar uma roçadora, tendo causado um incêndio florestal que só não atingiu maiores proporções devido à rápida intervenção dos bombeiros. Já aqui o abordámos várias vezes, arriscaríamos dizer demasiadas vezes, que muito há a fazer em termos de ordenamento florestal, limpeza e prevenção. Mas não se pode ignorar o que se tem evoluído no planeamento e organização do sistema de Protecção Civil. Estas melhorias nunca serão suficientes para combater a maldade humana - este ano a Polícia Judiciária já deteve mais de 30 pessoas suspeitas do crime de incêndio. No entanto, podem (e devem) ser encaradas com seriedade por quem está efectivamente preocupado com a preservação do meio rural e da nossa floresta.

De nada serviram as proibições da realização de queimadas de sobrantes agrícolas

Director

ABERTURA

Viver, quase todo o ano, num paraíso chamado Berlenga

À margem do movimento turístico, o bairro dos pescadores da Berlenga, o único povoado do arquipélago, serve de abrigo a uma dezena de pescadores que passam grande parte do ano na ilha. Entre Março e Dezembro, quase só vão a terra para vender o pescado

Maria Anabela Silva Texto
Ricardo Graça Fotografia
anabela.silva@jornaldeleiria.pt

Às primeiras horas da manhã, é grande o movimento no cais de embarque para as Berlengas, em Peniche. O bom tempo anunciado para o fim-de-semana é aproveitado por muitos para uma viagem à ilha, um dos *ex-libris* da região, com águas cristalinas, grutas, um forte secular e 79 hectares de paisagem granítica que serve de abrigo a espécies únicas. A viagem, feita numa das embarcações turísticas a operar entre Peniche e a Berlenga, a única ilha do arquipélago que é visitável, decorre sem grandes sobressaltos. "Hoje, temos mar de senhora", brinca um dos funcionários da empresa, recorrendo a uma expressão usada pelos pescadores para se referirem à fraca ondulação. Quarenta e cinco minutos depois, terra à vista.

A Berlenga apresenta-se em todo o seu esplendor, banhada pelo sol quente que se fez sentir no último sábado. No cais, aglomeram-se dezenas de pessoas acabadas de chegar, umas à espera de se fazerem, de novo, ao mar, para visitar as grutas que ladeiam a ilha, outras a fazerem-se ao caminho, em direcção ao trilho que as levará ao forte de São João Baptista, construído no século XVII, que hoje é usado também como alojamento. Pelo caminho, o trilho faz ligação ao farol, erigido entre 1839 e 1841.

A meia encosta, apresenta-se o bairro dos pescadores. O casario é composto por três fileiras de imóveis, de um só piso, mandado erguer por volta de 1940 pelo comandante Andrade da Silva, que então chefiava o Porto de Peniche e que se encantou pelas Berlengas. "Mandou construir uma casa para si, que ainda hoje se encontra nas mãos da sua família, que todos os anos passa o Verão na Berlenga", pode ler-se no site www.berlengas.org. Mas, a função primordial do bairro era e é a de dar abrigo aos pescadores que, até então, se recolhiam nas grutas espalhadas ao longo das rochas.

Seguimos contra a corrente. Enquanto os visitantes prosseguem caminho pelos trilhos que conduzem às principais atracções da ilha, rumamos ao bairro, onde reina a tranquilidade e os grelhadores vão sendo preparados, a pensar na hora de almoço, que se aproxima. Sentados no muro que separa o casario da zona onde fica o restaurante e o bar Castelinho, os pescadores trocam dois dedos de conversa, entre um cigarro e uma cerveja, aproveitando para descansar. O dia começou umas horas antes, com a primeira saída para a pesca – a segunda há-se ser ao final da tarde -, pesca que aqui se faz apenas à cana, lançada a partir de embarcações, ou com palangres, linhas ao longo das quais são espalhados anzóis, à espera de carapau, dourada, pargo, sargo, abrótea, corvina e robalo, as principais espécies capturadas na Berlenga. Em dias de sorte, pode haver alguma lagosta a morder o anzol, conta Fábio Glória, de 39 anos, um dos pescadores mais jovens do bairro, que tem uma embarcação onde trabalha com mais dois homens que, este ano, já apanharam uma lagosta com 3,3 quilos. "Deu para o combustível da viagem, que fica à volta de 70 euros. Três ou quatro dias de pesca, ficam em 250 euros. Se não apanharmos peixe, é um grande penalti."

No bairro reside cerca uma dezena de pescadores, que aí vivem grande parte do ano; As casas são pertença do Município de Peniche, a quem os pescadores pagam renda mensal de 50 euros; O convívio entre quem vive e trabalha na ilha é uma constante e faz desta comunidade "uma família"

"Não há liberdade como esta"

Filho e neto de pescador, Fábio fintou o projecto do pai de o afastar, a ele e aos irmãos, do mar, quando, em 2009, trocou o trabalho nas obras pela pesca nas Berlengas. "Não há liberdade como esta. E dá para viver, ter casa, carro e sustentar a família. Há meses complicados. Quando se ganha bem, poupa-se para os meses mais parados", diz, convicto que esta será a vida que levará "até ao fim".

É, sobretudo, entre Março e Dezembro, que os pescadores da Berlenga fazem da ilha e do bairro a sua casa. Vão "a terra", que é como quem diz a Peniche, pelo menos à segunda-feira, vender o peixe na lota e visitar a família. Se o fim-de-semana rendeu bem, podem ficar mais um dia ou dois. Se não, "volta-se no mesmo dia, para tentar a sorte", conta Rui Filipe, mais conhecido como "Seabra", alcunha que herdou do pai e do avô e com a qual baptizou a lancha com que pesca em redor do arquipélago. Prestes a completar 43 anos como pescador – "comecei com 16 anos, mas aos seis já ia com o meu avô lançar a cana na praia" –, Rui é um dos moradores mais antigos do bairro. Depois de alguns anos a pernoitar num quarto cedido por outros residentes, em 2009 conseguiu que lhe fosse atribuída uma casa, quando os anteriores ocupantes, já idosos, saíram. "Há sempre mais candidatos do que casas", assinala o pescador.

> **A Berlenga foi, é e sempre será um abrigo de pescadores**
> Toni Branco

Ao todo, são 20 habitações, oito ocupadas por pescadores, três por funcionários da câmara e outras três pelas empresas turísticas que operam na ilha. As restantes pertencem a particulares. A separar a zona dos pescadores, que pagam uma renda mensal de 50 euros por oito metros quadrados de casa, e as habitações dos particulares existe um muro, uma barreira física esbatida pelo convívio entre uns e outros, assegura Rui Filipe. Exemplo do que diz foi o que aconteceu no último sábado quando, à volta da mesa instalada entre a sua casa e o posto que os bombeiros de Peniche têm na Berlenga, juntou vários pescadores, alguns familiares de visita à ilha e Ricardo Fernandes e a mulher, que vivem em Lisboa e que têm casa no lado privado do bairro.

O desafio da gestão da água

"Vim para as Berlengas com 20 meses, ainda na alcofa. Viemos sempre que podemos. Dá trabalho, porque temos de trazer tudo, e a vivência na ilha requer algum espírito de privação, altamente compensado pela liberdade que sentimos e pelo contacto com a natureza, que nos permite desconexar", confidencia Ricardo Fernandes, que aponta a gestão da água como um dos desafios de viver na ilha.

Funcionário camarário, Nuno Henriques, mais conhecido por 'Mimi', explica que o abastecimento de água é assegurado por uma dessalinizadora, que produz entre 300 a 400 litros de água doce por hora, distribuída em três torneiras no bairro, ao restaurante, ao bar e às casas afectas aos trabalhadores da câmara. Em caso de necessidade, "vem água de barco". Nos sanitários públicos, também usados pelos pescadores que residem no bairro, já que as habitações não têm casa-de-banho, é utilizada água salgada.

Além de assegurar que não há falhas no abastecimento, Nuno Henriques e Rui Mota, o outro funcionário da câmara afecto à Berlenga, são responsáveis pelo serviço de lixo, que é depositado em contentores junto ao cais, transportados para Peniche num barco fretado pela autarquia. "Em Agosto, o barco vem duas ou três vezes por semana. Nos outros meses, uma vez por semana", avançam os trabalhadores, que têm também a missão de fazer a manutenção do bairro e dos espaços públicos, nomeadamente, do cais que, quase todos os invernos, sofre 'maus-tratos' infligidos pelo mar. "Este ano, o mar até foi meiguinho, Mas, há sempre arranjos a fazer", afiança Rui Mota, frisando que, "para trabalhar na Berlenga, tem de se gostar". Caso contrário, torna-se "um martírio".

O mesmo diz Toni Branco, de 43 anos, ligado à ilha quase desde sempre, já que o avô era pescador e os tios exploraram, durante vários anos, o único restaurante da Berlenga, cujo edifício e envolvente foram requalificados já no actual mandato autárquico.

Com 13 anos, Toni fez uma formação como "animador ambiental" dada pelo Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas e, durante vários anos, colaborou como voluntário na reconstrução de trilhos e na sensibilização dos turistas para a preservação do espaço. A pesca veio depois e entranhou-se, de tal forma, que hoje considera a Berlenga como a sua casa, regressando a terra apenas as vezes indispensáveis. É por isso que sente alguma tristeza pela forma como o local tem evoluído, muito focada no turismo, "ignorando que a Berlenga foi, é e sempre será um abrigo de pescadores". Toni Branco reconhece, no entanto, que há hoje maior cuidado com a presença de turistas, limitada a 550 visitantes por dia, lembrando o tempo em que "havia tendas e pessoas por todo lado", antes da classificação com reserva natural.

Mas se a beleza da ilha está acessível a todos aqueles que a visitam e que, desde 2022, são obrigados a registarem-se na plataforma *online Berlengas.Pass*, há momentos que apenas quem pernoita na ilha pode vivenciar, sobretudo, a partir da uma hora da manhã quando a electricidade é desligada, com as estrelas a apresentarem-se em todo o seu esplendor. "A noite aqui é espectacular. É também o momento em que as aves noctívagas saem dos abrigos e se deixam observar e se fazem ouvir. É um cenário do caneco", enfatiza Toni Branco. "Não há outro lugar igual", acrescenta Rui Filipe, enquanto vira o sarrajão, peixe da família do atum, e os carapaus, que pescou horas antes e que serão servidos ao almoço, juntamente com sardinhas vindas de Peniche, com uma vista privilegiada sob o oceano. "Há lá coisa melhor do que esta?", pergunta, em jeito de afirmação, com um sorrido rasgado.

ENTREVISTA

"A cadeia é um armazém onde se colocam os criminosos pobres

Vítor Ilharco, secretário-geral da Associação Portuguesa de Apoio ao Recluso, vem a Leiria apresentar a segunda edição do seu livro sobre o sistema prisional. Critica a forma como os presos são tratados e diz não haver uma verdadeira cultura de reinserção em Portugal

RICARDO GRAÇA

Vai estar em Leiria a apresentar a segunda edição do livro "Sistema Prisional Português - Toda a Verdade". Que verdade podem os leitores encontrar nesta publicação?
É feito um relato, o mais detalhado possível, de tudo o que acontece nas cadeias, mas começamos pelo início, ou seja, pela investigação dos crimes, pelos julgamentos, e depois das condenações, por toda a vida de um recluso desde que entra na cadeia, até que sai, e como é que sai. E tudo está documentado.

Algumas destas revelações podem surpreender quem não conhece o sistema prisional?
Acho que sim. Normalmente, quando se ouve falar das cadeias, ouve-se falar em ideias pré-concebidas do tipo: "Isto não há fumo sem fogo, se eles lá estão é porque alguma coisa fizeram" e "aquilo é cama, mesa e roupa lavada". Mas, em Portugal, em seis anos, cerca de 165 mil pessoas foram acusadas pelo Ministério Público e depois absolvidas, ou seja, mais de 75 pessoas por dia. E 20% destas pessoas passaram por prisões preventivas para depois serem absolvidas. Portanto, está provado que há muita gente que passa pela cadeia quando não deviar ter lá estado.

E quanto à ideia de "cama, mesa e roupa lavada"?
Quem conhece as cadeias portuguesas sabe que são medievais. Vamos falar, por exemplo, do Estabelecimento Prisional (EP) de Leiria. Celas onde devia estar uma pessoa estão duas, em camaratas com 10, 12 pessoas, instalações péssimas, uma mesma sanita. No EP de Lisboa, as celas têm os vidros todos partidos, estão cheias de todo o tipo de bichos e a água escorre pelas paredes. Nas celas com dois reclusos, como estão fechados 20 horas por dia, têm que fazer as necessidades em frente um do outro. Isto é a cama. Roupa lavada sim, porque entregam a roupa à visita para lavar. Quem não tem visitas, não tem roupa lavada. Quanto à mesa, o Estado entregou a alimentação a uma empresa de catering. E quanto paga por quatro refeições diárias, por recluso? Três euros e 20 cêntimos, o que dá 80 cêntimos por refeição. Não preciso dizer mais nada para se perceber como é a alimentação dos reclusos. Com a agravante que as famílias agora só podem levar um quilo de comida por semana, para obrigarem o recluso a comprar na cantina, que tem tudo, mas ao dobro do preço.

Voltando ao livro, a primeira edição foi lançada em finais de 2019. Os problemas retratados mantêm-se?
Mantêm-se e aumentaram. As infra-estruturas ficaram mais obsoletas e os quadros ficaram mais velhos. A vida dentro das cadeias é feita por forma a que os reclusos não levantem problemas. Para isso, as direcções dão ao recluso a possibilidade de ter televisão, rádio, *playstation* e ansiolíticos, para ficarem na cela sem chatear. Trabalhar ou estudar é que é mais complicado.

Perfil
De jornalista a assessor político

Vítor Manuel de Sousa Ilharco tem 77 anos, é natural de Castro-Daire e reside actualmente nas Caldas da Rainha. Iniciou a actividade de jornalista, na década de 1970, no *Jornal do Fundão*. Foi director dos jornais *O Raio, A Semana de Leiria e Zona Centro*, da revista económica *Portugal - As Empresas Privadas* e do jornal humorístico *O Chato*, e director de Informação da *Rádio 94 FM*. Foi responsápel pela delegação do Porto do jornal *O País* e, a partir de 1992, abraçou a carreira de assessoria política e de imprensa que desempenha em vários países africanos. Fundou a APAR - Associação Portuguesa de Apoio ao Recluso, da qual é sócio número um e secretário-geral. No próximo sábado, 21 de Setembro, às 17:00 horas, apresenta o seu livro "Sistema Prisional Português - Toda a Verdade" na Biblioteca Municipal Afonso Lopes Vieira, em Leiria.

Essa estratégia revela falta de objectivos de reinserção, não?
Sim. Imagine um recluso condenado a dez anos de cadeia. O guarda abre a porta da cela às 8 da manhã, calmamente, para não o acordar. Vê se está vivo e encosta a porta, para ele poder ir ao pequeno-almoço e 90% das vezes não vai. Às 9 horas fecham a porta da cela, que voltam a abrir ao meio-dia para o almoço. Depois do almoço, o recluso vai duas horas ao pátio, janta, regressa à cela e fica a ver televisão até às 3 ou 4 da manhã. E são dez anos assim, nesta rotina. Quando sai, sem dinheiro e perspectivas de trabalho, ou tem uma família que lhe dá almoço e jantar, ou passa fome e vai roubar e volta para a cadeia. Portanto, é isto que o nosso sistema prisional proporciona. A nossa lei diz: a cadeia serve para reabilitar e punir, assim, por esta ordem. Só que ninguém se preocupa. Basta dizer isto, há 12.000 presos e há 20 psicólogos para as 49 cadeias. Por aí já se pode ver a atenção que o Estado dá à reabilitação. A cadeia é um armazém onde se colocam os criminosos pobres.

Mas há casos de sucesso, como por exemplo o projecto *Ópera na prisão*, desenvolvido em Leiria.
Pois há, mas são projectados por pessoas fora do sistema. Tenho uma admiração enorme pelo grupo que faz esse trabalho, mas não é da Direcção-Geral [de Reinserção e Serviços Prisionais].

No Reino Unido, o Governo decidiu libertar 1.700 reclusos antes do termo das suas penas, para reverter a sobrelotação das cadeias, que atingiu um novo recorde. Cá podia fazer-se o mesmo?
Nós somos um dos países mais seguros da Europa, o que tem maior número de presos *per capita* e onde as penas efectivamente cumpridas são as mais elevadas, porque ninguém quer tirar o recluso da cadeia. Se quisessem, podiam libertar amanhã 3.500 reclusos, sem qualquer problema. Em Portugal, 7,6% dos reclusos estão presos por homicídio e 7,8% estão presos por conduzir sem carta de condução. Claro que conduzir sem carta de condução deve ter uma punição, mas porquê a cadeia? Os homens vão dois ou três anos para a cadeia, desgraçam a família e saem da cadeia sem carta de condução. O que é que a APAR propõe? Trabalho comunitário, até tirar a carta: vai varrer ruas para a câmara, limpar matas, limpar as praias, lavar os carros dos bombeiros, lavar os carros da polícia ou colaborar num lar de idosos. Depois, temos umas centenas de reclusos em estado terminal, com cancro, com Alzheimer, com dificuldades de locomoção... e podiam estar em casa com pulseira electrónica ou num hospital. Se tirassem estas pessoas da cadeia, em vez de 12 mil presos, passávamos a ter oito mil. E porque é que não fazem isso? Porque ficavam com mais funcionários e guardas prisionais do que presos.

Mas os sindicatos da guarda prisional queixam-se, há vários anos, da falta de recursos humanos.
E têm razão. Faltam guardas, porque muitos estão de baixa. Depois, porque temos 49 cadeias e não tem lógica. Por exemplo, no Algarve, há três cadeias e todas têm mais guardas do que presos, porque uma cadeia nunca pode ter menos do que 150 guardas. Mas faltam guardas nas cadeias grandes.

Está na ordem do dia a fuga de cinco reclusos da prisão de Vale Judeus, em Alcoentre. Parece-lhe uma fuga bem planeada ou resultado de alegada negligência dos serviços prisionais?
Espero sinceramente que tenha sido negligência. Sou daqueles que dizem que a imensa maioria dos guardas prisionais é gente honesta, competetente e profissional, portanto nunca me atreveria a dizer que houve ali outra coisa que não a negligência. Os fugitivos são pessoas com muito dinheiro e não têm nada a perder.

O perfil do recluso mudou muito nos últimos anos. Que mudanças foram estas?
Ainda nos lembramos que antigamente muitos dos que iam para a cadeia era porque tinham tido problemas com os vizinhos. Agora há indivíduos muito inteligentes, com cursos superiores, conhecedores de várias áreas, que não estão preparados nem dispostos a aturar violações das leis internacionais. Tanto que Portugal, só este ano, já foi multado num milhão de euros pelo modo como trata os presos. Eles passam fome, não podem estudar, não podem trabalhar, quando trabalham recebem dois euros por dia, que é trabalho escravo, mesmo quando estão a trabalhar para empresas no exterior.

Há quem defenda que os reclusos deviam ter direito a ter telemóvel na cadeia. Qual a sua posição?
Eu também defendo. Telemóvel e computador com a acesso à internet e ao exterior. Como é que um indivíduo que quer estudar o faz sem computador? Como é que um indivíduo que era contabilista, por exemplo, que entrou na cadeia há 20 anos e sai agora sem saber nada de informática, vai voltar a exercer a profissão, se não conseguiu acompanhar a evolução?

Tem pedido também uma maior flexibilização das penas.
Sim, porque os juízes dão cada vez menos saídas precárias. Pela lei, qualquer indivíduo, quanto cumprir um quarto da pena, tem direito a ir a casa dois dias. Antes, os técnicos de reinserção social iam à terra, falavam com o presidente da junta, com o dono do café, com os vizinhos, para saber como foi o comportamento. Se correu tudo bem, o recluso ia tendo mais dias e, quando chegava ao meio da pena, davam-lhe a liberdade condicional. Esta era a melhor medida contra a reincidência. Neste momento, a maioria só sai da cadeia no fim da pena e por isso é que, em Portugal, 70% dos reclusos são reincidentes. E pior. Nas nossas cadeias, mais de 50% dos reclusos portugueses já são filhos de outros reclusos. Ou seja, quando falamos em reabilitação, reinserção ou reintegração, estamos todos a mentir, porque eles nunca estiveram integrados. Viveram sempre à margem da sociedade.

O anterior Governo anunciou a intenção de encerrar o Estabelecimento Prisional de Leiria e transferir os presos para a ex-Prisão Escola. Concorda?
Não acredito que isso vá para a frente, mas, para mim, quanto menos cadeias melhor.

SOCIEDADE

Aposentado dos aviões, constrói xavasca, barco típico de São Martinho do Porto

José Louro da Costa constrói embarcação icónica de São Martinho do Porto para preservar memória da arte xávega no concelho de Alcobaça. As técnicas de construção aprendeu-as com o pai

DR

Daniela Franco Sousa
daniela.sousa@jornaldeleiria.pt

Descobrir o mundo tem sido a paixão de José Louro da Costa, natural de São Martinho do Porto. Aos 74 anos, aposentado da TAP, companhia aérea onde foi tripulante de cabine durante quatro décadas, José continua a ocupar o seu tempo livre com viagens.

Na sua autocaravana percorre quilómetros de terra "sem destino". No mar, cruza ondas onde encontra o prazer da pesca.

"O mar foi a primeira rede social, quando, nos seus barcos, os navegadores ligaram povos de vários lugares", salienta José. E é neste domínio que o septuagenário se tem focado nos últimos tempos, com a construção da sua xavasca.

Xavasca? E o que é isso afinal? Trata-se de uma pequena embarcação feita de madeira, que já foi icónica em São Martinho do Porto, mas que desapareceu por completo da baía.

Estes pequenos barcos, leves, de forma arredondada à poupa e à proa, eram usados na arte xávega, e possuíam tais características para navegar naquelas águas de fundo raso, recorda José.

"Com todo o tempo do mundo" e aproveitando que Agosto foi um mês de sol envergonhado, José resolveu colocar em prática tudo aquilo que aprendeu com o seu pai.

Filho de carpinteiro, recorda-se ainda dos tempos da serração, onde chegou a ajudar os mais velhos, desde o apanhar das madeiras, na floresta, até ao corte das peças. Agora, foi a sua vez de empregar todo esse saber na construção de uma xavasca.

Serviram-lhe também de inspiração antigas fotografias, bem como alguns desenhos adquiridos junto do Museu da Marinha, conta José.

Após um mês de trabalho, os resultados agradam ao construtor. A embarcação tem 2,5 metros de comprimento, 1,15 metros de largura e 40 centímetros de pontal. Tem capacidade para transportar duas ou três pessoas, explica José.

Concluído o trabalho com as madeiras, a xavasca já esteve mergulhada no mar. "O sal impede que ganhe bicho. Aprendi com o meu pai."

Agora, a secar no jardim, o pequeno barco prepara-se para ser hidratado com óleo de linhaça. A pintura será o último passo do processo e José já escolheu os tons com os quais adornará a embarcação. Branco e azul.

José recorreu aos ensinamentos do pai na construção da pequena embarcação

No próximo Verão, a xavasca estará pronta para assegurar o transporte entre um velho bote de 110 anos (também pertença de José), fazendo a ligação entre o mar e a praia de São Martinho do Porto.

Houve tempos em que a baía tinha muitas xavascas, que pescavam carapaus e robalotes que por ali se davam, recorda o septuagenário. Agora, talvez resistam alguns destes barcos, já degradados, fechados em armazéns. A sua nova embarcação devolverá um pouco de tradição a São Martinho do Porto, conta ao nosso jornal, com satisfação.

"Portugal é um País de mar, de marinheiros e barcos. Esta é a minha forma de contribuir para a preservação da nossa memória."

"É uma pena que em Alcobaça o poder local não incentive a preservação deste tipo de embarcação. Poderia fazê-lo através de parcerias com clubes náuticos", propõe.

"Os turistas não vêm só pelo mar e pelo sol. Vêm também pelo conforto, pelas paisagens e pelas actividades típicas", salienta José, que dá como bom exemplo a prática de alguns territórios do distrito, como as Praias da Vieira (Marinha Grande) e do Pedrógão (Leiria), onde a arte xávega se mantém viva e dignificada.

Comissão de utentes da USF de Marrazes exige *call center*

A direcção da Comissão de Utentes da Unidade de Saúde Familiar Santiago, em Marrazes, reclamou junto da Unidade Local de Saúde da Região de Leiria (ULRL) a instalação de um *call center* e a criação de um posto de atendimento na recepção para que os doentes "não se sintam perdidos". As respostas às duas cartas "não foram totalmente satisfatórias", admite Helder Roque, porta-voz da comissão de utentes.

Segundo explica ao JORNAL DE LEIRIA, a ULSRL referiu que o processo para a instalação do *call center* estaria a decorrer, mas "não foi comunicada a calendarização da migração das comunicações". Quanto à recepção, a ULSRL informou que estaria em contacto com a Câmara de Leiria para encontrar uma solução. "Desejamos que não se esteja perante um caso de jogo de empurra", diz Helder Roque, que garante que a comissão voltará ao assunto, caso a solução "se prolongue indefinidamente no tempo".

A opção escolhida, precisa Helder Roque, é o SARA - Sistema de Atendimento e Resposta Ágil, que permite "registar o número de telefone do utente e a unidade de saúde retorna sempre a chamada, num curto espaço de tempo". "A gravação coloca à disposição do utente diversas opções, como agendamento de consultas para o dia ou em data programada, e renovação de receitas".

Na carta enviada à administração da ULSRL, a comissão de utentes considera que "atendimento telefónico no Centro de Saúde dos Marrazes é um mau serviço prestado aos utentes, com dificuldade no atendimento e sujeito a inúmeras reclamações". "É impossível e desumano esta função encontrar-se endossada ao sector administrativo, pouco expressivo em número e com excessivas tarefas imediatas para corresponder aos profissionais de saúde e aos utentes", alerta.

A comissão adverte ainda que "há muitos utentes que ao dirigirem-se ao centro de saúde se sentem perdidos, ao não conseguirem obter uma informação imediata às suas necessidades, ao desconhecerem onde e a quem se devem dirigir." Por isso, a comissão entende ser prioritária a criação de nova área de trabalho para dar resposta em exclusivo a estas situações.

Número de viaturas a circular entre Leiria e Marinha Grande cresceu quase 40%

RICARDO GRAÇA

Número de carros entre Leiria e Marinha Grande subiu para 22 mil/dia

Maria Anabela Silva
anabela.silva@jornaldeleiria.pt

O número de carros que diariamente circulam entre Leiria e Marinha Grande cresceu quase 40% nos últimos anos. Os dados recolhidos aquando da elaboração do Plano de Acção de Mobilidade Urbana Sustentável da Região de Leiria, há cerca de quatro anos, apontavam para a existência de cerca de 16 mil veículos a movimentarem-se todos os dias entre as duas cidades. Este número aproxima-se agora dos 22 mil.

Fonte oficial da Infra-Estruturas de Portugal (IP), entidade que tutela a EN242, avança ao JORNAL DE LEIRIA que no troço entre a Marinha Grande e a rotunda da A8, na zona de Albergaria, o volume de tráfego diário ronda os 25 mil veículos. Já entre esse ponto da EN242 e a cidade de Leiria, circulam cerca de 19.200 viaturas. "O tráfego médio diário no troço da EN242 entre Leiria e Marinha Grande é de aproximadamente 22 mil veículos", informa a IP.

"É uma pressão muito grande", assinala o presidente da Câmara da Marinha Grande, Aurélio Ferreira, que admite que este aumento de tráfego se deva ao crescimento da população, que se faz sentir no eixo Leiria-Marinha Grande, e ao "incremento da actividade económica, com mais empresas e mais postos de trabalho".

"Precisamos de uma solução. Qualquer dia será impossível circular entre as duas cidades. Em certas horas, forma-se uma fila contínua na EN242", afirma o autarca da Marinha Grande, reconhecendo que o projecto para a construção de uma variante está "mais difícil de concretizar". Por um lado, "não há muito espaço" entre a malha urbana da cidade e a auto-estrada do Oeste (A8) e, por outro, "é mais complicado uma candidatura a fundos comunitários", uma vez que as disponibilidades de financiamento para estradas são "cada vez menores".

A solução, diz, passa pela isenção de portagens no troço da A8 entre Marinha Grande Sul, que abrange a zona industrial, e Leiria Sul (Pousos). A reivindicação não é nova - vem do anterior mandato autárquico - e já foi apresentada, sem sucesso, a várias entidades, desde o Instituto de Mobilidade e Transportes, passando pela IP e pela empresa que tem a concessão da A8. "É necessária uma decisão política para que esta isenção seja uma realidade", defende Aurélio Ferreira, que, na semana passada, abordou o assunto na Comissão Parlamentar de Economia, Obras Públicas e Habitação, na audiência subordinada ao tema "Aeroporto Internacional de Lisboa em Alcochete e Isenção de Portagens nas SCUT - impactos para a Região Centro de Portugal". "Tenho a certeza absoluta que o trânsito [entre Leiria e Marinha Grande] melhorava muito com a isenção de portagens", reforça o autarca, que admite que a gratuitidade no troço proposto poderia ser "transitória", até haver outras opções de mobilidade, quer com novas vias a construir no âmbito da linha de alta velocidade e da estação ferroviária da Barosa, quer através da criação de uma linha dedicada para fazer a ligação entre Leiria e Marinha Grande através de autocarros movidos hidrogénio, um projecto da Comunidade Intermunicipal da Região de Leiria, já objecto de uma candidatura a fundos comunitários.

25.000

No troço da EN242 entre a Marinha Grande e a rotunda da A8 na zona de Albergaria o volume de tráfego diário ronda os 25 mil veículos. Entre esse ponto e a cidade de Leiria, o número é um pouco mais baixo (19.200)

BREVES

Porto de Mós Politécnico promove caminhada solidária

A VII Caminhada Solidária do Politécnico de Leiria realiza-se no domingo, dia 22, em Porto de Mós. Este ano, a iniciativa irá apoiar a Associação Amparo Familiar de Mira de Aire, com os participantes a serem convidados a contribuir com bens alimentares e produtos de higiene. A caminhada terá início às 9 horas, na Casa Abrigo - Núcleo Espeleologia de Leiria, em Poço da Chainça, São Bento.

Leiria Cáritas procura voluntários para apoio ao estudo

A Cáritas Jovem da Cáritas Diocesana de Leiria-Fátima está à procura de voluntários para o projecto *Explica-me*, que presta apoio ao estudo a crianças e adolescentes de famílias que "enfrentam dificuldades em acompanhar o percurso escolar dos seus filhos". Os voluntários devem ter entre 18 e 35 anos e estarem a frequentar ou já terem concluído o ensino superior. As explicações decorrem aos sábados de manhã, em Leiria.

Freguesias Petição exige conclusão de desagregações

Levar o Parlamento a tomar "todas as diligências" para que o processo de desagregação de freguesias esteja concluído a tempo das eleições autárquicas de 2025 é o principal objectivo da petição que está a ser promovida pelo Movimento pela Desagregação das Freguesias. Este movimento teve a sua génese no grupo de cidadãos que impulsionou a separação da União de Freguesias de Souto da Carpalhosa e Ortigosa, em Leiria.

ICNF tem viaturas paradas desde Julho por falta de inspecção

Cerca de 40 viaturas, entregues a nível nacional aos Sapadores Florestais - parte delas cedidas em 2022, na Marinha Grande, na presença do então ministro das Florestas - estão paradas desde Julho, porque não têm a devida homologação para circular na via pública. A denúncia é feita pelo Sindicato Independente dos Trabalhadores da Floresta, Ambiente e Protecção Civil (SinFAP).

André Alves, coordenador das Florestas no SinFAP, explica que estão em causa cerca de 40 viaturas, que foram cedidas a entidades de todo o País, há cerca de dois anos, que estão paradas desde Julho, (data da inspecção), porque não têm documento legal para apresentar, depois das alterações que foram feitas nas suas características.

Alexandre Carvalho, presidente da Direcção Nacional do SinFAP, especifica: quando estas vão a inspecção, "estão a reprovar devido às alterações das características da viatura (de comercial para veículo especial de extinção de incêndios e de cor branca para amarela)". Algumas "encontram-se mesmo sem inspecção, porque nem documentos têm" para poder fazê-lo.

"Sabemos que o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), juntamente com a Toyota e a empresa que fez a alteração das viaturas, estão a tentar resolver o processo. Mas a verdade é que já lá vão dois anos" e "esta situação já devia ter sido resolvida aquando da entrega das viaturas ou pelo menos até Julho de 2024, altura da inspecção". Contudo, "estamos em Setembro e a situação continua igual. Neste altura as viaturas têm de fazer a inspecção periódica mês a mês, porque reprovam ou ficam mesmo sem inspecção, o que põe em causa a operacionalidade dos Sapadores Florestais", entende Alexandre Carvalho.

O dirigente considera que a situação "põe em causa se realmente a viatura tem segurança e estão asseguradas para os operacionais que andam dentro delas, se as características não correspondem às do livrete, as mesma não podem circular e, em caso de acidente, não têm seguro devidamente válido". A situação "cria uma lacuna muito grande nas operações de vigilância e primeira intervenção, a focal para a redução do número de incêndios rurais, assim como as acções de silvicultura preventiva e pode pôr em causa os postos de trabalho de muitos sapadores florestais", remata. **DFS**

ICNF reage
Aberto inquérito

O ICNF responde que "a situação, que condicionou a actividade de parte das viaturas do ICNF, encontra-se resolvida. A mesma é da inteira responsabilidade do fornecedor das viaturas e o ICNF irá instaurar um processo de inquérito para avaliar eventuais danos causados, que podem levar ao accionamento da caução constituída aquando da assinatura do contrato de fornecimento das viaturas". Ao fecho desta edição, o SinFAP tinha sido informado de que iria receber documentos para algumas viaturas, o que, contudo não tranquilizava André Alves.

Avança projecto de habitação social em Valado dos Frades

A Câmara Municipal da Nazaré vai avançar dentro de dias com o projecto de arquitectura e especialidades para, no âmbito da sua Estratégia Local de Habitação, promover habitação social em Valado dos Frades, adiantou Regina Matos na semana passada, durante a última reunião do executivo. A vereadora socialista, com pelouro da Habitação, informou ainda que o objectivo será disponibilizar pelo menos 23 fogos. "Tínhamos sobre a mesa a possibilidade de identificar prédios do município para os disponibilizar e o que encontrámos situa-se em Valado dos Frades", comenta Regina Matos ao JL, à margem da reunião de câmara. Por outro lado, adianta a autarca, também fazia parte dos planos da Câmara da Nazaré arrendar e subarrendar. Mas tal não será possível face aos actuais valores praticados no mercado, acrescenta a vereadora. Assim, informa Regina Matos, de futuro, o município optará antes por fazer construção nova. Por enquanto, ainda não é possível determinar o valor que este investimento representará para o município, refere a vereadora.

PREMIADO ENGENHEIRO BRUNO LOPES E SILVA

DR

Bruno Lopes e Silva, da Marinha Grande, em conjunto com Inês Faria da Cunha, venceu a primeira edição do *Prémio Nacional de Jovem Engenheiro*, no âmbito dos prémios nacionais da Ordem dos Engenheiros. O fito da gala, que decorreu na semana passada, passa por " valorizar a profissão e externalizar a qualidade da engenharia portuguesa". Neste momento, o engenheiro está a concluir um doutoramento na Universidade da Catalunha, em Espanha, e espera, em breve, fazer a defesa da tese onde aborda o tema da Inteligência Artificial aplicada a processos produtivos na indústria. " Este prémio, por ser por nomeação e não por candidatura, é o culminar de vários aspectos da vida e de uma jornada que tenho desenvolvido ao longo da vida, adquirindo competências e também transmitindo conhecimentos", diz Bruno Lopes e Silva que, além de estar a trabalhar numa empresa de tecnologia em Lisboa, desde há dois anos, mantém-se como docente no Instituto Politécnico de Leiria.

BREVES

Nazaré Festas do Sítio sob duras críticas

A Câmara da Nazaré reconheceu que as Festas do Sítio não correram bem. O presidente lembrou que a localização do recinto deveria ser mais próxima do Sítio e constatou que o envolvimento das associações locais na organização do evento não teve o efeito esperado. Da parte da ACISN, Bruno Pereira notou que não existiu falta de planeamento, mas situações inesperadas, menos investimento dos participantes e "inexperiência" da associação.

Alcobaça e Vestiaria Junta pede *Ideias todo o Terreno*

A União de Freguesias de Alcobaça e Vestiaria lançou o concurso *Ideias todo o Terreno*, cujo objectivo é levar os fregueses a contribuir com a sua ideia para aproveitar uma propriedade da junta. Estão em causa 1.025 metros quadrados, na Rua Maria e Oliveira, na Vestiaria. As ideias serão avaliadas pelo executivo e pela assembleia de freguesia, será elaborado projecto, orçamentada a obra, a que se seguirá o concurso público e a execução.

ANDRÉ GRANJA

Marinha Grande Monumento no centro da discórdia

A Câmara da Marinha Grande, que no ano passado inaugurou a requalificação do monumento evocativo ao 18 de Janeiro de 1934, numa nova localização e passado a bronze, deixou de conseguir dialogar com a empresa responsável pela obra. O assunto segue agora um caminho mais "lento" e "doloroso" do jurídico, informou o presidente de câmara. O monumento está oxidado, o que levou a autarquia a interpelar a empresa.

João Formiga indicado para candidato do PS na Nazaré

Presidente da Junta de Freguesia da Nazaré, João Formiga é o nome indicado pelo secretariado da concelhia do PS como candidato à câmara, agora liderada por Manuel Sequeira que substituiu Walter Chicharro, após a sua eleição como deputado, e que é apoiado por alguns sectores da concelhia.

Em comunicado, o secretariado concelhio justifica a escolha de João Formiga pela "liderança visionária, integridade e honestidade inabaláveis, compromisso inquestionável, gestão rigorosa e equilibrada de contas públicas, trabalho de proximidade constante em prol de todos os cidadãos". Características que, no entender do secretariado, o autarca tem revelado ao longo dos três mandatos como presidente de junta, onde tem feito "um excelente trabalho".

O secretariado destaca ainda a capacidade de João Formiga para "unir pessoas em torno de causas" e as "constantes manifestações públicas de apoio a esta candidatura, não só por parte dos militantes, mas principalmente do povo nazareno".

A proposta do secretariado vai ser apresentada na reunião da comissão política concelhia, agendada para esta sexta-feira, dia 20.

DR

Empreitada de 402 mil euros para creche avança no Grou

FREEPIK

Novo concurso de 450 mil euros para construir creche na Assanha da Paz

Jacinto Silva Duro
jacinto.duro@jornaldeleiria.pt

A Câmara Municipal de Pombal já assinou o auto de consignação da empreitada que irá adaptar para creche o edifício da antiga escola primária e jardim de infância do Grou, na União de Freguesias de Guia, Ilha e Mata Mourisca.

O investimento municipal é de 402.700 euros, valor a que será acrescido o IVA, e a obra foi adjudicada, na sequência de um concurso público à empresa Soteol - Sociedade de Terraplanagens do Oeste, Lda. O prazo para a execução da empreitada é de 210 dias.

A futura creche terá capacidade para 42 crianças, das quais dez em berçário. Será dotada, ainda, de outras valências, como uma sala de refeições, instalações sanitárias, instalações para pessoal, áreas de serviços e recreio exterior com equipamentos didáticos e de diversão que cumprirão normas de segurança e sejam adequados para a idade dos jovens.

"O prazo de conclusão e entrega da obra é o primeiro trimestre de 2025", disse, na ocasião o presidente da Câmara de Pombal, Pedro Pimpão, que afirmou que este é mais um empreendimento que concretiza um dos compromissos assumidos com a população de promover "um ambiente propício e acolhedor para as famílias, designadamente de apoio à natalidade e parentalidade, bem como de alargamento da rede pública de creches no concelho".

Na última reunião de câmara, o autarca ressalvou, porém, que houve "um pequeno revés", para a construção da anunciada segunda creche pública do concelho, prevista para a localidade da Assanha da Paz, na freguesia da Almagreira, onde não se apresentaram concorrentes ao concurso lançado.

O presidente da Câmara de Pombal explicou ao JORNAL DE LEIRIA que a solução passará por submeter um novo procedimento e esperar que, desta vez, haja candidatos a apresentarem-se ao novo concurso. O valor da empreitada de construção da creche na Assanha da Paz é de 450 mil euros e terá capacidade para 42 crianças.

Neste ano lectivo, o concelho conta com mais 319 alunos do que em 2023/2024, alcançando o total de 7.620 estudantes, o que para o Pedro Pimpão representa "um sinal positivo" para o concelho.

Fonte da autarquia refere que Pombal foi o município do distrito de Leiria que "mais cresceu em número de vagas disponibilizadas em resposta de creche". No início deste ano, a nível distrital, este município registava o maior aumento de vagas, 27,5%, no quadro geral, passando de 623 vagas, para 854 vagas, distribuídas por 12 instituições da Rede Social de Pombal, entre IPSS e outras com fins lucrativos.

Há muita vegetação benéfica no Arunca e não é para "rapar"

A vegetação que cobre parte do leito do rio Arunca, na zona de Pombal, está a desagradar alguns moradores e frequentadores da cidade, para quem aquele manto verde, onde se abrigam anfíbios, mamíferos, aves, peixes e insectos aquáticos, deveria ser "removido pela câmara municipal". Alguns sugerem mesmo que se volte a fechar as comportas junto à biblioteca e se faça um grande espelho de água.

Mas o assunto não é simples como alguns acreditam e a vegetação, explicam Os Amigos do Arunca, não está assim tão mal. Pelo contrário, a maior parte está a cumprir a função que a natureza lhe deu. "Não é para rapar. Nem faz sentido", afirma o ecologista Emanuel Rocha. O porta-voz d'Os Amigos do Arunca explica que o rio vive uma "situação muito complicada", na sequências das secas dos últimos anos, do abate sistemático das árvores e vegetação ripícola das margens que ensobram e arrefecem a água, do seu uso desregulado para regar campos junto ao leito e das escorrências de pesticidas e fertilizantes. "O Arunca está completamente eutroficado", resume. Caso se fechassem as comportas, além do aumento imediato e exponencial de insectos, como as melgas, a água seria tomada por algas verdes.

Emanuel Rocha diz que a vegetação existente ajuda a limpar a água e diminui a sua temperatura, evitando a proliferação de algas nocivas, sublinha, contudo, que pragas, como as canas e algumas espécies que impedem o fluir do rio, devem ser limpas. "Mas nunca rapar tudo!", reforça. O Município de Pombal prepara-se para requalificar 26 quilómetros do rio Arunca, com um custo estimado em 600 mil euros e implementar o Plano Estratégico para a Reabilitação das Linhas de Água.

"Vai passar a ver-se o rio Lena", garante Pedro Teiga, ao referir que as canas serão substituídas por espécies autóctones

RICARDO GRAÇA

Técnicas naturais vão reabilitar 18 km do rio Lena de Porto de Mós à Batalha

Inês Gonçalves Mendes
ines.mendes@jornaldeleiria.pt

Desde a nascente até ao limite do concelho da Batalha, o rio Lena será reabilitado ao longo de 18 quilómetros com recurso a técnicas naturais de estabilização das margens e de limpeza do curso do rio.

Os protocolos com a Agência Portuguesa do Ambiente (APA), que assume o investimento de 1 milhão de euros (ME) nos projectos da Batalha e de Porto de Mós (500 mil euros para cada concelho), foram assinados na semana passada, onde ficou a garantia de que os trabalhos vão começar a breve trecho.

"Há muitos anos que temos a expectativa de ter o apoio de quem de direito para a limpeza do rio Lena", afirmou Raul Castro, presidente da Câmara Municipal da Batalha, ao lembrar que o projecto de reabilitação estava 'na gaveta' há mais de dois anos e que agora, "finalmente", vê a luz do dia.

Os 10 km das margens na Batalha vão ter plantados mais de cinco mil árvores autóctones, substituindo as canas que tapam o leito. "Vai passar a ver-se o rio Lena", garante Pedro Teiga, director da E.Rio, empresa responsável pelo projecto.

"Queremos que a água chegue à Batalha para os agricultores poderem utilizar, para o benefício social do lazer, mas também para a biodiversidade", explicou o responsável.

Além de serem utilizadas 12 técnicas de engenharia natural, a intervenção na Batalha inclui a requalificação de um açude e a construção de um anfiteatro na zona da antiga Cooperativa do Vinho, para promover uma maior proximidade com o curso de água.

Em Porto de Mós, apesar da intervenção acontecer num percurso mais curto, de 8 km, a obra será "mais musculada", nomeadamente no Parque Verde, onde o rio está emparedado. "Vamos ter junto ao parque alguns pequenos anfiteatros para as pessoas poderem tocar na água", adiantou Pedro Teiga, realçando também a promoção da biodiversidade.

O director da E.Rios deixou ainda o alerta aos proprietários, com terrenos confinantes com o rio, que também têm responsabilidade na manutenção e conservação do corredor ecológico. Ao longo das próximas semanas, serão realizadas sessões públicas de esclarecimento à população, tanto na Batalha como em Porto de Mós.

O novo presidente da APA, Pimenta Machado, aproveitou para enaltecer a importância do projecto de reconfiguração do rio Lena, que vai permitir adaptar o rio aos desafios do clima e, ao mesmo tempo, "cuidar do rio do ponto de vista da sua ecologia".

As intervenções deverão estar concluídas no final deste ano.

Batalha fiscaliza despejos ilegais

O Município da Batalha está a tentar identificar os responsáveis pelos despejos ilegais de resíduos que levaram à destruição de algumas manchas de carvalhos na freguesia de Reguengo do Fétal, em área classificada como Rede Natural 2000. Em resposta ao pedido de esclarecimentos do JORNAL DE LEIRIA, enviada já depois do fecho da última edição, o município referiu que a "investigação" em curso visa identificar os responsáveis pelos despejos, com vista à "aplicação das "medidas coercivas previstas na lei". O município informa ainda que está a proceder "à identificação dos proprietários dos terrenos onde ocorreram os despejos ilícitos para acções de remoção dos resíduos e reposição das condições anteriores". "Ainda não foi possível apurar os autores dos despejos, encontrando-se em curso a investigação", acrescenta a autarquia. A situação foi denunciada pela associação ambientalista Quercus.

SOCIEDADE EDUCAÇÃO

Antiga escola dos Pousos reabre como pré-escola

Encerrada há cerca de 13 anos por falta de alunos, a antiga escola do 1.º ciclo da Estrada Nacional nos Pousos, no concelho de Leiria, reabriu portas, agora como jardim de infância, com capacidade para 50 crianças. A inauguração das obras de adaptação do espaço, que custaram cerca de 160 mil euros, aconteceu no dia 13, com a presença dos 45 alunos que já começaram a frequentar o estabelecimento de ensino, quase todos com três anos.

"Era uma necessidade, para chegarmos ao escalão dos três anos e dar continuidade ao programa Creche Feliz, de forma a não haver interrupção no percurso escolar das crianças", assinala Jorge Dias, director do Agrupamento de Escolas Correia Mateus, assegurando que, actualmente, neste território educativo "não há lista de espera" para jardim de infância.

Presente na inauguração, o presidente da Câmara de Leiria, que era vereador da Educação quando a escola fechou, referiu-se ao momento como "um dia simbólico", com a reabertura do espaço num "contexto de profunda mudança social". "É uma satisfação enorme. O objectico é ter aldeias, vilas e cidades com mais crianças e jovens, porque são o garante do futuro, mesmo que isso signifique mais investimento e mais trabalho", afirmou Gonçalo Lopes.

Já a actual vereadora da Educação, Anabela Graça, salientou o trabalho de "contra-relógio", que envolveu as equipas do município, do agrupamento e da junta de freguesia, que permitiu, em pouco tempo, adaptar o espaço para jardim de infância, com duas salas e um espaço polivalente para as actividades de animação e apoio à família (AAAF).

RICARDO GRAÇA

Novo espaço tem capacidade para 50 crianças

Secundária de Porto de Mós entra em obras em Outubro

As obras na Escola Secundária de Porto de Mós vão começar em Outubro, prevendo-se que fiquem concluídas no Verão de 2026. A informação é avançada pela vereadora da Educação, Telma Cruz, que reconhece que a situação obrigará "a um maior esforço e compreensão por parte de pais, professores e alunos", já que os trabalhos decorrerão em simultâneo com as aulas. Orçada em quase dez milhões de euros, a financiar pelo Programa de Recuperação e Resiliência (PRR), a intervenção será feita por módulos, pelo que, "à partida, será possível manter o normal funcionamento da escola nas restantes instalações." "Esperamos que, no ano lectivo de 2026/2027, passemos a ter uma escola moderna, inclusiva, com sistema de climatização de última geração, salas de aula e de apoios suficientes, auditório, biblioteca, salas de música para o ensino articulado, laboratórios, um novo campo de jogos, sala condigna para professores, entre muitas outras mais-valias", assinala Telma Cruz. Após as obras de requalificação, a escola, que actualmente tem cerca de 850 alunos, ficará com capacidade para 1.200 estudantes, passando a integrar o universo da escola EB 2,3 Dr. Manuel Oliveira Perpétua, na Corredoura.

A organização escolar em semestres foi um dos temas abordados no Fórum Educação

CML

Guilherme d'Oliveira Martins: é preciso errar para evoluir

Elisabete Cruz
elisabete.cruz@jornaldeleiria.pt

"É indispensável reconhecer a importância do erro para o podermos rectificar." A frase foi proferida por Guilherme d'Oliveira Martins, ex-ministro da Educação e administrador executivo da Fundação Calouste Gulbenkian, um dos oradores do XV Fórum Educação de Leiria.

O professor considerou ainda ser indispensável uma cultura de autonomia e responsabilidade, que parta da "prevenção do conhecimento contra o erro e a ilusão". "Tanto nos debatemos à tentação de confundir o que é o erro e a realidade", sublinhou ao frisar que é preciso errar para evoluir.

Passando a ideia de uma cidadania inclusiva que envolve todos, o convidado associou a inclusão à flexibilidade: "Não há dois alunos iguais, não há dois professores iguais, não há duas escolas iguais. É indispensável compreendermos que havendo diferença é indispensável haver flexibilidade. Quando falamos de educação não estamos a falar numa espécie de produção em série como se fosse uma fábrica. Estamos a falar de adaptar à realidade e à diferença aquilo que é o objectivo principal do nosso trabalho", frisou.

Citando Jack Delors, que presidiu ao grupo que pensou a educação para o século XXI na Unesco, Guilherme d'Oliveira Martins destacou os três objectivos cruciais na educação: "Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser".

Defendeu ainda uma educação para a compreensão mútua entre as pessoas de culturas diferentes. Abordando os temas do Fórum - educação, cultura e cidadania - o professor insistiu na preocupação de uma cidadania inclusiva. "A relação entre educação e cultura. Se nos reportarmos aos alemães, eles utilizam a mesma expressão para educação e cultura: 'ausbildung', que significa construção. Educar e realizar cultura é construir", considerou.

Apontando também a origem grega da palavra escola - scholé - como lugar de ócio e disponibilidade de espírito, explicou que é preciso "promover o empenhamento do trabalho e a mobilização das pessoas", como os professores defendem, mas que se compreenda também que "sem disponibilidade de espírito não se pode construir o desenvolvimento humano".

NUNO BRITES

A ideia de educação e de cultura é uma "preocupação com as pessoas", de "realizar consensos duráveis, valorizando todos os elementos da escola".

Além de valorizar os professores, é importante "valorizar o aluno como alguém que vamos ajudar a responder positivamente aos desafios da incerteza e da aventura de conhecer mais e melhor".

Valores, liberdade, ética e uma sociedade "equilibrada e justa" foram outras ideias deixadas por Guilherme d'Oliveira Martins. "Somos imperfeitos, mas temos de caminhar no sentido de amanhã sermos melhores do que hoje."

Gonçalo Lopes, presidente da Câmara de Leiria, destacou o papel dos "verdadeiros construtores do futuro", referindo-se aos educadores e professores.

"A escola não é apenas um espaço de aquisição de conhecimentos, é também um local de desenvolvimento humano, onde se formam valores, se constrói a cidadania e se molda o futuro de toda a sociedade", afiançou o autarca, ao considerar que a educação "é o pilar fundamental de qualquer sociedade".

HITACHI

Reliable solutions

Disponível em toda a gama de **escavadoras HITACHI**.

SAIBA MAIS AQUI:

- TM: 935 683 540
- FINANCIAMENTO A 3 ANOS
- LIMITADO AO STOCK EXISTENTE

Exemplo: valor de venda de 145.000,00€, contrato de locação financeira com duração de 36 meses, primeira renda de 29.000,00€, seguidas de 35 rendas mensais e sucessivas de 3.373,94€, valor residual de 1.450,00€. Acresce serviço de proteção do equipamento. Taxa fixa; TAN: 1,990% e TAE: 2,249%. Despesas iniciais de 275,00€, portes mensais de 4,00€. A todos os valores acresce IVA à taxa legal em vigor. Campanha exclusiva para clientes profissionais e válida até 31 de outubro 2024. Financiamento sujeito a aprovação. Exemplo para escavadora de rastos Hitachi ZX135US-7. Informe-se no BNP Paribas Lease Group S.A. e na MOVITER Equipamentos S.A.

LEITORES

direccao@jornaldeleiria.pt

A direcção do JORNAL DE LEIRIA recebe com agrado para publicação a correspondência dos leitores que tratem de questões do interesse público. Reserva-se o direito de seleccionar os trechos mais importantes das Cartas ao Director devidamente identificadas, publicadas nesta secção.

Abraços no primeiro dia de aulas

No primeiro dia de aulas, as equipas do Plano Nacional das Artes, Erasmus e Ubuntu, receberam “de braços abertos”, distribuindo abraços por todos os alunos e encarregados de educação que iam entrando na Escola Dr. Correia Mateus, em Leiria.
Esta dinâmica promove a integração e reforça a ideia de como as coisas mais simples como sorrir, abraçar, estar presente, ouvir, olhar nos olhos, ... são gestos que não envolvem esforço e que nos permitem reconhecer o outro e fazê-lo sentir-se notado.
Para além desta iniciativa, durante a visita à escola, algumas alunas da Escola de Dança Diogo de Carvalho, parceiro do Plano Nacional das Artes e do Ensino Articulado, deliciaram os presentes com a sua actuação.
Natália Sapinho

Comissão de Utentes em Defesa do SAP 24 H Marinha Grande faz apelo à população

A Comissão de Utentes tem vindo a seguir com enorme preocupação a situação local e nacional no que ao SNS respeita. Localmente mantém-se uma preocupante situação que se agudiza na falta de funcionamento pleno do SAP 24/horas bem como na falta de médicos no Centro de Saúde e suas extensões com particular incidência na Extensão de Vieira de Leiria e no não funcionamento da Extensão da freguesia da Moita.
A estes factos que a realidade local nos mostra, observa-se a nível Nacional um agravar generalizado da situação no SNS, com falta de médicos e outros profissionais de saúde, bem como encerramento de serviços. Uma agravante disposição de entrega generalizada dos Centros de Saúde à exploração privada. Estamos certos de que, a concretização desta ideia trará enormes dificuldades, numa lógica de lucro que, por certo, será contrária à prestação de cuidados de saúde necessários ao nosso bem-estar geral.
Estas razões levaram a Comissão a apoiar a jornada pela defesa do SNS , realizada no dia 17 de Setembro, em frente ao hospital de Leiria, bem como a manifestação em frente ao Ministério da Saúde no próximo dia 24, pelas 15:00 horas. A Comissão de Utentes lá estará na defesa de um Serviço Nacional de Saúde que responda às nossas necessidades.
Informamos também que a Comissão tem já uma reunião agendada para o dia 25 de Setembro com a Direcção da ULS de Leiria para analisar estes e outros problemas que se mostrarem necessários, na qual estará a defesa firme de uma saúde pública de qualidade.
Por fim chamamos a atenção para a eminente necessidade de virmos a defender o SNS na rua. A Comissão não deixará de convocar a população para tal, se entender que isso se justifica.
A Comissão de Utentes em Defesa do SAP 24 H - Marinha Grande

Os vencidos e os que não o sabem

Os mais de 2.500 proprietários dentro da área de gestão da paisagem de Espite, Urqueira, Rio de Couros e Casal dos Bernardos, viram aprovado no passado 6 de setembro um Plano de Ordenamento Florestal (OIGP) que, na sua esmagadora maioria, não conheceram, não participaram e não puderam votar.
Cerca de duas dezenas de proprietários aprovaram o plano “por maioria” com 6 votos contra. Entre os presentes estavam, por exemplo, os presidentes das juntas de freguesia de Espite e da Urqueira, presidente do Município de Ourém, Presidente da ADN, associação promotora e gestora do Plano e empresa Geo21.
Das autoridades, que nos representam, esperava-se que, no mínimo, lamentassem a falta de presença das populações ou que reconhecessem a falta de esforço para as informar e a falta de representatividade da associação que decidirá agora em nome de todos os destinos de 5 milhões de euros.
Sou um dos 6 que votou contra este Plano porque tive a oportunidade de o ler depois da sua apresentação, há pouco mais de um mês.
Sou portanto, pode-se dizer assim, um dos vencidos.
Mas na verdade não perdi sozinho: perderam todos os proprietários que não foram informados.
Nenhuma das pessoas que contactei tinha conhecimento da associação ADN SNO nem, muito menos, do Plano de OIGP.
Em 2022, a ADN, ainda antes de encomendar o Plano, podia facilmente ter feito um levantamento da população afetada pelos incêndios a quem um plano que promete “resiliência” pudesse interessar mas não foi sequer ouvida, informada e não participou nem votou.
O plano deixa de fora as zonas mais críticas e não prevê qualquer apoio às populações na limpeza ou redução de combustíveis junto das casas, zonas onde os fogos mais se iniciam e onde têm provocado mais prejuízos incluindo perda de vidas humanas.
Mas prevê intervenções e investimentos a dezenas de quilómetros das povoações que deixa de fora e que quem não tenha tido dele conhecimento ou não concorde veja as suas propriedades sujeitas a uma operação chamada de “arrendamento forçado”.
População sujeita agora não apenas aos incêndios mas também às multas por falta de limpeza (mesmo que muitos proprietários a façam 2 a 3 vezes por ano sem qualquer apoio das autarquias e, como tal, sujeitos à arbitrariedade e especulação de privados) e, agora, também sujeitos a ver esse trabalho e investimento entregue a uma associação sob um “Arrendamento Forçado”, eufemismo para expropriação.
Eu estive na reunião, pude votar, votei contra e fui um dos vencidos.
Mas, como proprietário florestal, filho e pai de filhos desta terra, embora privilegiado que fui pelo acesso que tive à informação e à participação, considero que mais vencidos foram os proprietários desinformados deste território abandonado pelas autoridades que insistem na tendência de responsabilizar os proprietários pelos incêndios que tanto os atingem, desmotivam e destroem no caminho cada vez mais acelerado do abandono e da desertificação.
Não são os dirigentes, os autarcas e os técnicos, no ambiente controlado dos seus gabinetes, quem perde.
Não foram só os que votaram contra o plano que perderam. Perdeu a paisagem. Perdeu-se a oportunidade de a tornar verdadeiramente resiliente com a participação necessária de quem vive e faz parte desta paisagem que só com pessoas faz sentido e só com elas se manterá viva e biodiversa.
Perdemos todos e ainda não o sabemos.
Gil Gonçalves Mota
Texto escrito segundo as regras do Novo Acordo Ortográfico de 1990

DR

Uma vida saudável

Ter uma vida saudável e longa só depende nós. O corpo humano é a coisa mais maravilhosa à face da terra, mas para termos um corpo saudável precisamos tratar dele 24 horas por dia. Infelizmente, todos querem ter um corpo maravilhoso, mas poucos querem esforçar-se para o conseguir. E os que querem, preferem gastar fortunas em medicamentos e drogas, só para não se cansarem e terem resultados rápidos. Mas um bom exercício, quatro ou cinco vezes por semana ou uma simples caminhada podem fazer milagres da nossa vida, se juntarmos a isso uma alimentação equilibrada, que ajude o nosso corpo a manter as suas defesas naturais.
Por isso, está nas nossas mãos ter uma vida saudável e longa. Basta saber aquilo que queremos e sermos disciplinados, evitando excessos.
Edgar B. Silva

OPINIÃO

Quando a saúde está doente

Joaquim Ruivo

Um amigo decidiu operar-se num clínica privada. Para a operação e internamento de dois dias, mesmo com comparticipação da ADSE, pagou "por fora" 1.400 euros. Foi excelente! Até ao momento em que apanhou uma bactéria multirresistente. Recambiado imediatamente para o hospital público, lá recuperou!

Conheço mais alguns casos. Operações simples e internamento para recuperação: na clínica. Complicação: hospital público! Ou ao contrário: operação complicada no Hospital, pós-operatório em clínica.

Qual o apoio que o privado deu à pandemia? Quase nenhum. Foi o SNS que se ergueu, isolado, e tomou conta de todo o controlo e tratamento da pandemia. E o que aconteceu quando a ADSE há alguns anos atrás decidiu uniformizar pagamentos aos privados, constatando, por exemplo, que um simples penso ia de 20 a 120 euros, consoante as clínicas?

E entre modelos que preconizam um SNS totalmente estatizado e um sistema partilhado com clínicas privadas, há muitas nuances a ter em conta e não podemos ser radicais. Mas a verdade é que a degradação progressiva do SNS dá jeito, porque favorece, os ideais de grupos privados de Saúde, que efetivamente têm poder junto do Poder.

Vamos ser honestos: um empreendimento privado no âmbito de saúde (falo de clínicas), é dominado por grupos empresariais cuja preocupação não é a de serviço público: é a de lucros e satisfazer os sócios na repartição dos lucros. Tão claro como água: onde se diz gestão "eficaz", deve ler-se "lucrativa", porque é um negócio como qualquer outro. E até aceitamos isso, pois claro, desde que o serviço seja para todos, ou, não o sendo, não seja pago por nós todos.

(Fora deste arrazoado deixo o Centro Clínico Champalimaud. Esse é outra coisa!).

Eu tenho frequentado consultas no privado, com comparticipação da ADSE, pago uma ridicularia e sou muito bem atendido. O custo das análises e exames comparticipados são ínfimos. Aqui está uma verdadeira extensão do serviço nacional de saúde a funcionar bem.

Mas é verdade também que os clínicos do Serviço Nacional de Saúde são mal pagos. Tornaram-os funcionários públicos, na degradação evidente de salários e condições de trabalho comuns à maioria dos funcionários públicos. Para tanta responsabilidade, tão pouco reconhecimento! Médicos (e enfermeiros) em exclusividade, digo eu, têm que ser mais bem pagos.

O Serviço Nacional de Saúde está em crise porque o Estado, isto é, os governos, se foram demitindo da obrigação de o manterem saudável. E por uma grande razão: todos eles, os governos, acabaram por perder o sentido de serviço público para que foi criado.

Professor

Texto escrito segundo as regras do Novo Acordo Ortográfico de 1990

Pequenas obsessões

Nuno Reis

Tenho uma amiga que envia emails frequentes às edilidades reportando o seu desagrado pelo estado - ou inexistência - de casas de banho públicas na cidade. Os emails são, também, de felicitações pelo bom estado das instalações sanitárias, ou por terem reaberto alguma instalação num local necessário. Uma outra amiga tem uma irritação lexical. Quando ouve ou lê a expressão "fora da caixa" considera-a pretensiosa e oca. O argumento é que à força de tanto uso se tornou um chavão sem sentido, usado para parecer mais moderno. Portanto, incompatibilizou-se com o uso da expressão que lhe mexe com a paciência. Há ainda um primo meu que é fascinado pelo número 7. Não que tenha um particular fascínio por futebolistas que tenham envergado tal camisola, nem que seja aniversariante num dia 7, ou em qualquer dia de Julho. Nem sequer que haja uma ligação cabalística ou numerológica a tal algarismo, já que ele é um devoto católico praticante. Claro que estará o leitor a assumir que me esquivo a assumir estas pequenas obsessões ao colocá-las em personagens inventadas. Mas, asseguro que são pessoas reais - e confesso que as minhas pequenas obsessões são outras. Há palavras que me irritam, temas que me despertam a ira, assuntos que me fascinam de tal modo que consigo ficar horas a ler ou a conversar sobre eles.

Não haverá um documentário sobre mineiros de ouro no Alasca que eu não tenha visto pelo menos três vezes. Sentado no conforto do meu sofá, fico fascinado com a maquinaria pesada a esventrar a terra em locais inóspitos, revirando tudo em busca dos mais pequenos vestígios de ouro. Fico irritado com várias palavras e expressões: disruptivo, desenvolvimento pessoal, e mais recentemente gratidão. Deixam-me a revirar os olhos ou a resmungar pelo pretensiosismo vazio que representam. Quando vejo filas sinto uma inexplicável vontade de voltar para trás: pensar que há um afluxo superior à capacidade do local que me vai obrigar a esperar deixa-me irritado e rabugento. As pequenas obsessões de cada um são uma representação direta - através de pequenos fragmentos - da personalidade. Umas revelam os interesses e fascínios, outras revelam os ódios e desdéns. Mas a combinação de pequenas obsessões é única a cada indivíduo, e conhecer as obsessões é um meio de conhecer a pessoa. Fazer amigos é encontrar obsessões compatíveis, ou compreender as pequenas obsessões do outro (olá, "maluca das casas de banho"!), de tal modo que conseguimos escarnecer, irritar-nos, ou fascinar-nos em conjunto.

Professor e investigador do Politécnico de Leiria

Somos o Património que nos une

Adélio Amaro

"Rotas, Redes e Conexões" é o tema das Jornadas Europeias do Património (JEP) numa iniciativa, anual, do Conselho da Europa e da União Europeia que engloba mais de cinquenta países durante os dias 20 a 22 de setembro.

Com o objetivo de sensibilizar a população europeia para a importância da salvaguarda do Património, o tema de 2024 desafia "todos a percorrer essas rotas e a celebrar as redes que nos unem". Nesse sentido, no caso de Portugal, quase todos os municípios e imensas associações estão a promover e corporizarão iniciativas online e presenciais. Juntá-las-ão a um programa global coordenado pelo "Património Cultural, I.P.", enquanto entidade responsável pelas JEP a nível nacional. As consequentes atividades serão gratuitas e acessíveis a todos os cidadãos. Todos os anos, em setembro, as ações inseridas nas JEP têm como missão sensibilizar a população para a necessidade de valorizar "o Património comum e para a necessidade de o preservar para as gerações atuais e futuras", num contexto de "mosaico cultural europeu". Todavia, o trabalho em rede não pode ser pensado apenas para três dias. É um trabalho que, verdadeiramente, tem de acontecer entre municípios, instituições e cidadãos. Estes últimos não se podem abstrair de tal. Assim, refletindo o tema que é sugerido para o presente ano, fica o conselho para que todos sejam ativos na celebração e salvaguarda do nosso Património, não apenas durante três dias, mas durante todo o ano. Que estes três dias sejam o mote para a referida meditação e consequente ação. Que sirvam de plataforma para olharmos o Património de outra forma e que este seja o argumento para que as "Rotas, Redes e Conexões" sejam a terraço da valorização das boas práticas, conhecendo o passado, atuando no presente e sensibilizando a atual geração que o futuro do Património começa agora. Somos o Património que nos une.

Presidente do Centro do Património da Estremadura

Texto escrito segundo as regras do Novo Acordo Ortográfico de 1990

Hortícolas para replantar resistem apesar de quebra na procura

Produtores e vendedores de hortícolas enfrentam diminuição de clientes e preferência por produtos embalados. Idosos mantêm ligação à terra, mas jovens mostram pouco interesse pela agricultura

Jacinto Silva Duro
jacinto.duro@jornaldeleiria.pt

RICARDO GRAÇA

Maria Cravo há 40 anos que percorre os mercados da região

Cada vez menos clientes, cada vez menos atracção pela actividade agrícola e cada vez maior preferência pelos produtos embalados do supermercado é o cenário actual vivido por produtores e vendedores de produtos hortícolas.

Até ao final do mês, o Mercado do Levante, em Leiria, ocupa o estacionamento temporário do Hospital de Santo André.

Na zona mais afastada da estrada, junto à passagem mais recuada da estrada de asfalto, está Maria Cravo, 69, "quase 70 anos".

Há mais de 40 anos que Maria percorre os mercados de Leiria, Soure e Louriçal, ora na companhia do filho ora na do marido, com a camioneta cheia de pés de alface, couves, grelos e todo o tipo imaginável de produtos verdes. Natural da aldeia dos Ratos, na freguesia da Mata Mourisca, no concelho de Pombal, produz quase tudo o que vende.

A lista repete-se sazonalmente e, a partir de Março, os clientes começam a pedir pés de tomate, pimento e pepino. Agora, é mais couve e alface. "A maior parte das pessoas que aqui vêm são as mais velhas, que mantêm uma ligação à terra. Plantar as próprias hortaliças é uma ajuda no orçamento familiar e é mais saudável, com menos químicos e outro sabor", diz, sublinhado que sente que há cada vez menos gente a plantar.

Já Célia Henriques, natural de Monte Redondo, vendedora de hortícolas há 15 anos é mais optimista. "Noto mais gente nova a comprar para plantar. Fazem hortas nas varandas. Procuram tomates, feijão verde, couves, alfaces e muitas ervas aromáticas", diz.

A maior parte daquilo que vende é plantado de semente, por si e pelo marido, em estufas que criaram em 400 metros quadrados de terreno.

"Levantamo-mos todos os dias às 5:30 horas, para regar, plantar." Após o mercado, regressam às tarefas na estufa. Há dias que passam 300 clientes pela banca de Célia, mas a média constuma ser de 100.

Situação pouco animadora

Instalada na localidade dos Bonitos, na freguesia da Almagreira, Pombal, a Horta Fixe abriu as portas há cerca de 20 anos. É, na actualidade, um dos maiores fornecedores de hortaliças e plantas ornamentais do norte do distrito de Leiria. Emprega 15 pessoas, explora dois hectares de macieiras e cerca de quatro de estufas.Vende a quem se desloca às instalações, mas também faz distribuição própria numa área que se estende dos limites dos concelhos de Pombal e de Soure, até à fronteira com Espanha.

À sua frente, tem José Cordeiro, o sócio-gerente que se dedica à actividade agropecuária desde há 40 anos. Por estes dias, o empresário vê com preocupação a ausência de precipitação que permitiria começar as fazer as primeiras plantações de Outono. "Ninguém vem comprar, para plantar no pó. Em Setembro, normalmente, caíam sempre uns pingos que ajudavam ao cultivo das couves", conta.

José Cordeiro divide o ano consoante as estações e a procura por hortofrutícolas. De Fevereiro a Maio é a época mais forte, no Verão não se planta, e em Setembro-Outubro, os clientes regressam por altura do São Mateus. "Este ano, o melhor que se pode dizer do negócio, a nível nacional, é que está igual", afirma, salientando que a agricultura não atrai jovens e que nota que o mercado está a perder cada vez mais ímpeto. "Ninguém, na faixa etária dos 40 ou 50 anos, planta. Nem devem saber se a raiz é para cima ou para baixo!", brinca. A maioria dos clientes, explica, são pessoas com idade mais avançada, que mantêm pequenas hortas para si e para a família.

Descontentamento
Mudança de local do mercado do Levante

"Se aqui trabalhássemos mais tempo, morreríamos à fome", diz Célia Henriques. O novo local encontrado pela autarquia para substituir o espaço do mercado semanal do Levante, quando há grandes eventos, como o *Rockin'1000* ou o *Leiria Sobre Rodas*, não agrada. Poeirento, com piso irregular e com deficiências ao nível do estacionamento, são algumas das maleitas que a comerciante encontra.Além disso, a localização perto do hospital, unidade a quem rouba estacionamento e dificulta o acesso a quem tem problemas de saúde, devido ao estacionamento indevido, revoltam-na. "Até para os nossos clientes, o estacionamento não está bem sinalizado. Nem sabem que podem estacionar aqui atrás", afirma. O resultado conta-se pela diminuição de receitas sempre que a cidade organiza grandes eventos e obriga à deslocalização de todos os feirantes para a outra ponta da cidade. Célia é peremptória: "há muita falta de condições". "Estaríamos melhor no aeródromo do Falcão, onde se faz o mercado de revenda", acredita.

590 Mil euros para criar Parque de Ciência

Daniela Franco Sousa
daniela.sousa@jornaldeleiria.pt

A Câmara da Marinha Grande deverá contar com um apoio de 590 mil euros para criar o MG Park - Parque de Ciência e Tecnologia, na Zona Industrial de Casal da Lebre.

O município integra a Rede Urbana Intrarregional para a atracção de empresas intensivas em conhecimento, designada CENTRO +INVEST, cuja apresentação ocorreu no dia 11 de Setembro, em Coimbra. Em causa está uma candidatura em rede, com o Município de Coimbra como promotor líder, que integra também os Municípios de Marinha Grande, Cantanhede, Oliveira do Hospital, Penacova e Viseu; as Comunidades Intermunicipais de Leiria, Coimbra e Viseu Dão Lafões; e instituições ligadas ao ensino e investigação.

O investimento total aprovado para a Rede Urbana CENTRO +INVEST é de 5.881.9710 euros, a que corresponde um apoio do FEDER de 4.999.674,50 euros, adianta a Câmara da Marinha Grande.

Segundo a autarquia, "a Rede Urbana CENTRO +INVEST representa o início de um grande projecto que vai contribuir para o desenvolvimento da Região Centro, um exemplo de coesão entre territórios. Esta candidatura pretende reforçar a oferta de espaços de acolhimento empresarial e apoio a novas ideias de negócio, e potenciar a inovação, qualificação de recursos humanos e apoio ao empreendedorismo".

Ao nosso jornal, Aurélio Ferreira explicou que o futuro MG Park pretende vir a ter uma abrangência regional, entre Marinha Grande e Leiria, promovendo sinergias entre instituições que já têm presença nesta zona industrial, como o Centro de Desenvolvimento Rápido e Sustentado do Produto (do Instituto Politécnico de Leiria), o Centro Tecnológico da Indústria de Moldes, Ferramentas Especiais e Plásticos, a incubadora de negócios Open e o pólo de formação Cencal.

O futuro MG Park deverá ser criado numa extensão do edifício do Centro Empresarial e funcionar como *showroom* daquilo que melhor se faz na região, nota o presidente. É necessário apenas que o aviso abra, para candidatar o projecto, refere ainda.

DFS

Manuel Ferreira apresentou projecto a autarcas e empresários

Projecto de hidrogénio verde apresenta-se com novo formato

Daniela Franco Sousa
daniela.sousa@jornaldeleiria.pt

Reprovado pela população e pelos autarcas da Nazaré, o projecto de produção de hidrogénio verde da Rega Energy apresentou-se, segunda-feira, nos Paços do Concelho da Marinha Grande, mas com um novo formato.

Dada a dificuldade que a empresa sentiu em encontrar propriedades disponíveis na região, o projecto dispensa agora a criação de um parque solar ou eólico. Desta feita, o objectivo é criar uma fábrica de produção de hidrogénio verde na área de expansão da Zona Industrial de Casal da Lebre (na Quinta da Lagoinha), que irá reutilizar água da ETAR ali existente. Através de tubagens idênticas às do gás, sem impacto ambiental e ao longo de cerca de 10 quilómetros, o hidrogénio verde será fornecido às empresas da região. Sendo que, à partida, já manifestaram interesse as vidreiras BA Glass, Crisal, Vidrala e a cimenteira Secil.

A diferença em relação ao plano inicial é que, ao invés de criar um parque solar ou eólico, a Rega Energy está agora a negociar com os proprietários de parques já existentes, aos quais comprará energia.

Foi desta forma que, perante autarcas e empresários, Manuel Ferreira, da Rega Energy, sintetizou os contornos do projecto do Hydrogen Valley. Manuel Ferreira realçava como este "oferece uma alternativa de descarbonização às indústrias face aos combustíveis de origem fóssil", permitindo, para já, "substituir 10% da energia fóssil consumida pelas quatro empresas, nas suas cinco localizações".

O projecto, que representa um investimento de cerca de 100 milhões de euros e que criará 52 novos postos de trabalho directos, teve origem em 2021, com a criação do consórcio. No ano seguinte, foram iniciados os trabalhos de engenharia e licenciamento. O estatuto de Projecto de Interesse Nacional foi adquirido em 2023 e durante o terceiro trimestre de 2024 foi elaborado o estudo de impacto ambiental. O objectivo é iniciar a fase de construção no terceiro trimestre de 2025 para que, em Janeiro de 2027, se dê início à operação comercial.

"A descarbonização é algo mandatório", frisou Manuel Ferreira, posição partilhada pelos representantes de várias indústrias presentes na sessão de apresentação. O consórcio sublinha que o tempo urge para cumprir as metas da União Europeia no que respeita à emissão de carbono.

Aurélio Ferreira, presidente da Câmara da Marinha Grande, manifestou a posição de "colaboração" do município com um projecto de tal importância, mas quis certificar-se de como irá este interferir com o ambiente, percebendo até "a turbulência" que anteriormente causou na Nazaré. A mesma preocupação mostrou Franklin Ventura, presidente da Junta da Moita, que questionou se o projecto levará ao corte de árvores para a instalação de painéis fotovoltaicos. "Não vamos ter produção [de energia solar] nossa. Portanto, só haverá painéis na cobertura da fábrica, cerca de 2,9 hectares", tranquilizou Manuel Ferreira.

2027

O objectivo é arrancar com a construção do projecto no terceiro trimestre de 2025 para que, em Janeiro de 2027, se dê início à operação comercial

100

Milhões de euros é o valor do projecto, que irá criar 52 postos de trabalho directos

BREVES

Moldes Centimfe promove expedições de conhecimento

O Centimfe - Centro Tecnológico da Indústria de Moldes, Ferramentas Especiais e Plásticos, sediado na Marinha Grande, promove duas "expedições de conhecimento", que terão lugar nos dias 12 e 13 de Novembro e 19 e 20 de Novembro, no âmbito da iniciativa europeia "In Transit". A primeira expedição será a Barcelona, onde os participantes conhecerão o ecossistema têxtil da Catalunha, enquanto a segunda será a Atenas, e à fileira aeroespacial grega.

APIP Plastics Summit acontece a 6 de Outubro

Após a primeira edição, o segundo *Plastics Summit - Global Event*, organizado pela APIP - Associação Portuguesa da Indústria de Plásticos, com o suporte das suas congéneres ANAIP, ABIPLAST - Associação Brasileira da Indústria do Plástico e ANIPAC A.C. terá lugar no dia 6 de Outubro de 2025, em Lisboa. Desta vez, o tema escolhido para ser trabalhado pelo participantes é a sustentabilidade, numa óptica ambiental, sob o lema *Moving into action...Creating a Sustainable Future!*

Óbidos Parceiros avaliam projectos da pedra natural

A Sevways, empresa sediada no Parque Tecnológico de Óbidos, recebeu os parceiros da iniciativa Sustainable Stone by Portugal para uma avaliação de resultados. O encontro reuniu representantes de empresas e instituições académicas, que analisaram o desenvolvimento de soluções inovadoras e para a fileira da pedra natural, como a valorização de excedentes e subprodutos, desenvolvimento de soluções robóticas e digitalização de processos.

ECONOMIA

Abrandamento terá um 'delay' de cerca de um ou dois anos antes de chegar a Portugal

FREEPIK

Eventual encerramento de fábricas automóveis terá impacto na região

Jacinto Silva Duro
jacinto.duro@jornaldeleiria.pt

As exportações de componentes automóveis recuaram 3,7%, entre Janeiro e Julho, para 7.200 milhões de euros, segundo dados divulgados, na semana passada pela AFIA - Associação de Fabricantes para a Indústria Automóvel.

Trata-se de uma diminuição de 3,7% face ao período homólogo de 2023. Apenas no sétimo mês se registou um aumento de cerca de 1,3%, nas exportações, relativamente ao mesmo período do ano anterior, para mil milhões de euros.

As vendas para o mercado europeu até Julho tiveram uma quebra de 4,7%. Espanha continua a ser o principal destino dos componentes fabricados em Portugal (27,6%), seguida pela Alemanha (23,7%) e por França (8,3%).

O cenário não é animador para as empresas nacionais, incluindo as de moldes e plásticos da região, uma vez que, também na semana passada a Volkswagen e a Stellantis admitiram encerrar unidades de produção e acabar com o fabrico de alguns modelos. Pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial, na Alemanha, a Volkswagen levanta a hipótese de encerrar fábricas.

"Temos empresas em Portugal que produzem para fornecedores de primeira linha da Volkswagen. Este abrandamento terá um 'delay' de cerca de um ou dois anos antes de chegar a Portugal, mas terá um grande impacto", afirma ao JORNAL DE LEIRIA José Couto, presidente da AFIA, sublinhando que é necessário pensar já naquilo que se irá fazer na área produtiva.

O fenómeno, entende, acontece, entre outras razões, porque há um sentimento de insegurança no centro da Europa, em virtude da invasão russa da Ucrânia e o escalar da perigosidade. "Os consumidores estão a conter os gastos nos bens duradouros", diz.

José Couto diz igualmente que a implantação de fábricas chinesas na Europa, para contornar as penalizações, decretadas pela União Europeia, às importações automóveis a partir deste país, não pode ter sido uma surpresa, uma vez que as negociações para a instalação de unidade de produção automóvel são processos muito demorados e iniciados há muito tempo.

Assimagra leva 34 empresas a feira de pedra natural a Verona, na Itália

Portugal leva 57 empresas, 34 das quais apoiadas através da iniciativa de internacionalização da Assimagra - Associação Portuguesa da Indústria dos Recursos Minerais, à 58.ª edição da Marmomac, a mais importante feira internacional dedicada à cadeia de produção de pedra natural.

Entre os dias 24 e 27 de Setembro, a delegação nacional ocupará uma área de 1.800 metros quadrados, ao lado de mais de 1.400 expositores de todo o mundo, na cidade de Verona, na Itália.

Esta participação, refere um comunicado da Assimagra, acontece pela quarta vez consecutiva sob a marca StonebyPORTUGAL, criada para divulgar "a qualidade e excelência da pedra e empresas portuguesas, elevando a imagem da fileira e de Portugal nos mercados mais exigentes".

A presença, considerada "estratégica para as empresas portuguesas se posicionarem" e estabelecerem laços com outros profissionais, explorando novas tendências e tecnologias, é apoiada pelos programas Compete 2030, Portugal 2030 e pela União Europeia, através do Feder.

OPINIÃO

Europa à beira de uma encruzilhada

Vítor Hugo Ferreira

Recentemente, Mario Draghi pintou um retrato alarmante da Europa atual. O crescimento económico tem diminuído há décadas, abrindo um fosso significativo entre o PIB europeu e o americano. Enquanto isso, as famílias europeias veem o poder de compra estagnar, sentindo na pele o impacto dessa desaceleração. Não é apenas uma questão de números ou estatísticas; é uma questão de futuro e relevância global. Com a população em declínio e o envelhecimento acelerado das sociedades, a Europa precisa desesperadamente impulsionar a produtividade para manter-se competitiva no cenário internacional. As ambições são grandes e multifacetadas: descarbonizar a economia, digitalizar setores inteiros, fortalecer a capacidade de defesa e, ao mesmo tempo, preservar o modelo social (lidando de forma inteligente com a necessidade de imigração). Já muito nestas páginas falámos sobre a necessidade de acelerar inovação, capital de risco e empreendedorismo - somente a Apple vale mais do que todo o sector de IT europeu! Draghi aponta três áreas-chave para ação imediata. Primeiro, fechar o gap de inovação com os EUA. É necessário não apenas gerar ideias, mas também transformá-las em produtos e serviços comercializáveis. Isso implica apoiar empresas inovadoras, facilitar o acesso ao financiamento e remover as barreiras regulatórias que sufocam o empreendedorismo (tudo receitas que já preconizámos nestas crónicas). Segundo, é imperativo combinar a descarbonização com a competitividade económica. Não podemos permitir que a necessária transição energética se torne um fardo económico, que penalize indústrias e consumidores. Na verdade, a China deu-nos uma terrível lição liderando os setores de baterias, painéis solares, etc., que não só aumentaram a competitividade, como tornam o país mais verde. Ao contrário de Draghi, eu penso que é preciso ser mais ambicioso em setores que não foram dominados pela China. A terceira receita passa por aumentar a segurança e reduzir dependências estratégicas. Num mundo cada vez mais instável geopoliticamente, a Europa não se pode dar ao luxo de depender de poucos fornecedores para matérias-primas críticas ou tecnologia digital. É o momento de desenvolver uma política económica externa unificada, fortalecendo alianças com países ricos em recursos, construindo reservas estratégicas e assegurando cadeias de fornecimentos para tecnologias essenciais. Estas soluções exigem uma nova abordagem à cooperação intraeuropeia. Não há mais espaço para procrastinação em nome do consenso ou medo de desagradar interesses particulares. Sem ação decisiva estaremos a comprometer não apenas o nosso futuro, mas também o meio ambiente e, possivelmente, a nossa própria liberdade e soberania. Temos diante de nós uma oportunidade sem precedentes para redefinir o caminho da europa e garantir um futuro próspero para as próximas gerações. Cabe aos cidadãos e líderes europeus abraçar esse desafio com confiança e determinação, conscientes de que o amanhã que desejamos depende das decisões e ações que tomamos hoje.

Não podemos permitir que a transição energética se torne um fardo económico, que penalize indústrias e consumidores

Director-geral da Startup Leiria

SAÚDE

OPINIÃO

Orientação vocacional. As dúvidas no regresso às aulas

Tânia Ramalho

O que é a Orientação Vocacional?
A Orientação Vocacional consiste num conjunto de práticas destinadas ao esclarecimento da questão vocacional. Neste processo, procuramos conhecer as preocupações dos alunos, confusões e/ou inseguranças relativamente ao seu futuro e criar as condições para que, de forma autónoma, este possa analisar as diversas alternativas a fim de tomar uma decisão consciente e responsável acerca do seu percurso e do seu futuro.

Para quem?
Todos os alunos que se encontrem em fase de tomada de decisão acerca do seu futuro profissional (por exemplo: 9ºano; 12ºano; fim de CTeSP, Licenciatura ou Mestrado).

Como se realiza?
O processo da Orientação Vocacional é dividido em três fases:

1ª. Fase - Autoconhecimento. Um dos maiores motivos para as indecisões em relação ao futuro é o aluno não se conhecer a si próprio, não conhecer os seus gostos, os seus pontos fortes e vulnerabilidades, ou os seus valores pessoais. Aqui, utilizam-se duas estratégias:

a) O aluno é avaliado através de testes de Avaliação Psicológica e Psicotécnicos, afim de perceber os seus traços de personalidade (p.e.: como reage perante uma dificuldade), as suas competências e aptidões (p.e.: atenção ao detalhe, capacidade lógica) e os seus interesses e preferências profissionais (p.e.: que áreas de estudos gosta mais). Com estes dados é criado um perfil do aluno, permitindo perceber quais os tipos de profissões que melhor encaixarão com ele.
b) São propostos ao aluno exercícios práticos com o objetivo de ajudar a responder à questão "Quem sou eu?". Especialmente na fase da adolescência, esta definição é muitas vezes marcada pelas opiniões das pessoas que o rodeiam, não existindo uma verdadeira autodefinição.

2ª. Fase - Conhecer o Sistema Educativo e Formativo. São dadas ao aluno todas as informações sobre a entrada no próximo ciclo de estudos, assim como todas as alternativas possíveis.
3ª. Fase - Tomada de decisão. Por fim, são analisadas as alternativas, as vantagens e as desvantagens e é tomada uma decisão, de forma consciente e responsável.

Quais os benefícios da Orientação Vocacional?
A Orientação Vocacional aumenta o grau de confiança do aluno relativamente à escolha do seu futuro académico e profissional, diminuindo, assim, os níveis de ansiedade, preocupação, frustração e medo. Para além disso, mune o aluno de autoconhecimento e de um plano para o seu futuro a curto e médio prazo.

Quem faz?
A Orientação Vocacional é uma das valências da Psicologia. Por isso, em caso de dúvidas consulte um Psicólogo.

Psicóloga Clínica e da Saúde @Khushi Minds
Texto escrito segundo as regras do Novo Acordo Ortográfico de 1990

DR

EMPREGO/DIVERSOS

Somos a Factor H, uma empresa dedicada ao recrutamento de talentos para funções especializadas, de liderança e gestão nas organizações. Apostamos numa abordagem pessoal, criando ligações fortes e de confiança com quem trabalhamos.

A Unidade Local de Saúde da Região de Leiria pretende constituir, por nosso intermédio, uma reserva de recrutamento, para o Serviço de Gestão de Doentes, de:

Técnico Superior para o Serviço de Gestão de Doentes (M/F)

Enquadramento funcional:

O profissional a admitir terá como principais responsabilidades:

- Acompanhar e monitorizar as atividades desenvolvidas numa lógica de otimização de recursos e de cumprimento dos procedimentos em vigor;
- Formar e orientar os profissionais do sector administrativo, na procura de soluções mais eficientes numa perspetiva orientada para o utente, fomentando o trabalho em equipa e interdisciplinar;
- Monitorizar o circuito do doente no ambulatório reduzindo os tempos de espera e minimizando as reclamações;
- Promover, desenvolver e monitorizar os processos de trabalho da consulta externa de forma a garantir a sua uniformização nas unidades hospitalares sob gestão da ULS RL.

Perfil de Requisitos:

- Licenciatura na área de Gestão, ou Gestão de Informação, ou outra no âmbito das Ciências Económicas, Matemáticas e Sociais;
- Preferência: Com mestrado ou pós-graduação realizado na área de Gestão da Saúde;
- Autonomia, capacidade de trabalho em equipa;
- Bom relacionamento interpessoal;
- Elevada capacidade de análise e sentido crítico;
- Capacidade de planeamento e organização com gestão de objetivos;
- Atenção ao detalhe;
- Resiliência.

Valor remuneratório ilíquido: 1.385,99€ com acréscimo do valor do subsídio de alimentação nos termos e valores definidos para a função pública.

As candidaturas em resposta a esta oferta devem ser enviadas **até dia 30 de Setembro de 2024**, através do site factorh.pt, na vaga "Técnico Superior para Serviço de Gestão de Doentes", acompanhadas por C.V e Certificado de Habilitações.

SUPERMERCADO de BATALHA procura

CORTADOR DE CARNES VERDES (M/F)

enviar CV par email

pdv02374@mousquetaires.com

Grupo empresarial em Leiria, procura, para reforço da sua equipa de profissionais:

TÉCNICO/A TESOURARIA

Perfil:

- Licenciatura em Gestão, Finanças, Economia ou similar;
- Experiência profissional mínima de 4 anos em funções similares;
- Bom nível de Inglês e Excel;
- Bons conhecimentos de Contabilidade;
- Sentido de responsabilidade, organização e capacidade de trabalho;
- Dinamismo, disponibilidade e proatividade;
- Sentido crítico e foco no cumprimento de prazos;
- Resiliência e capacidade de gestão de stress;
- Boa capacidade de relacionamento interpessoal e com diferentes níveis organizacionais;

Principais responsabilidades:

- Controlo de contas correntes clientes/fornecedores
- Apoio na preparação do orçamento de tesouraria e seu cumprimento
- Registo contabilístico de documentos relacionados com a área financeira
- Execução de pagamentos diversos e gestão de fundos fixos
- Outras tarefas administrativas e financeiras inerentes à função

Oferecemos:

- Integração numa empresa dinâmica, inovadora e em expansão;
- Equipa experiente, motivada e com excelente ambiente de trabalho;
- Crescimento profissional e pessoal, formação contínua e on the job;
- Condições salariais e benefícios ajustados à função.

Caso reúna o perfil pretendido, envie CV atualizado para geral.recursoshumanos.pessoas@gmail.com

Rua das Rosas, 75 COLMEIAS . Tel. 244 720 480 . Fax: 244 720 488 (chamada para rede fixa nacional)
E-mail: geral@cordeiroecompanhia.com . www.cordeiroecompanhia.com

LOJA 1: Rua Gen. Humberto Delgado, 220 . LEIRIA . Tel. 244 841 853
LOJA 2: Quintinha da Gordalina, 90 A . LEIRIA . Tel. 244 855 011
LOJA 3: Av. Heróis de Ultramar, 110 . POMBAL . Tel. 236 217 065
LOJA 4: Rua Dr. José Alves Correia da Silva . Cruz d´Areia . LEIRIA . Tel. 244 815 452
(chamadas para rede fixa nacional)

PUBLICIDADE

MUNICÍPIO DE LEIRIA · CÂMARA MUNICIPAL

AVISO N.º 74/2024/DEGU

Abertura do período de discussão pública e notificação para pronúncia dos proprietários dos Lotes - Processo de Loteamento n.º 31/1980-2.ª Fase

Nos termos do n.º 2 e n.º 3 do artigo 27.º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, na sua redação atual, conjugado com o disposto no artigo 17.º do Regulamento de Operações Urbanísticas do Município de Leiria e alínea d) do n.º 1 do artigo 112.º do Código do Procedimento Administrativo, torna-se público que se encontra aberto pelo prazo de quinze dias a contar do primeiro dia útil seguinte à última publicação do presente Aviso, o período de discussão pública referente à alteração da licença de loteamento titulada pelo Alvará de Loteamento n.º 1/14, emitido em 16/06/2014 e seus aditamentos, de iniciativa de Carlos da Fonseca Gomes, Ricardo da Silva Fonseca, Elizabete da Glória Gaspar dos Santos e das sociedades "Manaia Invest - Investimentos Imobiliários, Lda." e "Requalinvest, Lda.", que incidiu sobre o prédio sito em Quinta de Santo António, da União das Freguesias de Marrazes e Barosa.

Mais se torna público que se notificam os proprietários dos lotes constantes do alvará supra identificado para, no prazo de 10 dias úteis a contar da última publicação, se pronunciarem sobre a alteração pretendida ao loteamento.

A alteração incide sobre as frações "E", "G", "H", "I", "J", "K" e "L" do Lote 44 sito em Rua Álvaro Pires de Miranda, Quinta de Santo António, Arrabalde da Ponte, prédio descrito na Conservatória do Registo Predial de Leiria sob o n.º 1725/19901022, da freguesia de Marrazes e inscrito na matriz urbana sob o n.º 4151, da União de Freguesias de Marrazes e Barosa, visando a alteração do seguinte:

• Lote 44:

- Introdução de nota no número de pisos destinado a habitação indicando que 362 m2 para habitação encontram-se no piso destinado a escritórios;
- Aumento do número de fogos de 10 para 17.

Durante o período de consulta pública e pronúncia dos titulares dos lotes, poderão consultar o processo junto do Balcão de Atendimento da Câmara Municipal, com entrada a partir da Rua Dr. João Soares, ou na Loja do Cidadão de Leiria localizada no Largo das Forças Armadas, todos os dias úteis durante as horas normais de expediente, onde poderão apresentar sugestões, reclamações, observações, por escrito através de requerimento dirigido ao Ex.mo Sr. Presidente da Câmara Municipal de Leiria.

Leiria, 5 de setembro de 2024.

O Vereador
Por subdelegação - Edital n.º 120/2022
Ricardo Santos
«Assinatura Digital Certificada»

Jornal de Leiria - Edição n.º 2097 -19.09.2024

Largo da República, 2414-006 Leiria
Telef.: (+351) 244 839 500 (Chamada para rede fixa nacional)
www.cmleiria.pt | cmleiria@cm-leiria.pt | NIF: 505 181 266

MUNICÍPIO DE LEIRIA · CÂMARA MUNICIPAL

AVISO N.º 67/2024/DEGU

Alteração à Licença de Operação de Loteamento titulada pelo Alvará de Loteamento n.º 515/1986. Aditamento ao Alvará. Processo Loteamento n.º 5/1984.

Nos termos do disposto no n.º 2 do artigo 78.º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, na redação dada pelo Decreto-Lei n.º 136/2014, de 9 de setembro, torna-se público que a Câmara Municipal de Leiria emitiu em 12 de agosto de 2024, em nome de Ana Filipa Amado Monteiro Jorge, Fernando Amado Monteiro Jorge e Célia de Lurdes Silva Ferreira, o aditamento n.º 2 ao Alvará de Loteamento n.º 515/1986 de 25 de setembro de 1986, na sequência do despacho do Sr. Vereador datado de 31 de outubro de 2023, através do qual foi licenciada a alteração dos Lotes 5 e 6, do Loteamento sito em Telheiro, extinta freguesia de Barreira, atual União das Freguesias de Leiria, Pousos, Barreira e Cortes, prédios descritos na Conservatória do Registo Predial de Leiria sob os n.ºs 170/19871111 e 171/19871111, freguesia de Barreira e inscritos nas matrizes urbanas sob os artigos 3003 e 3487, da União das Freguesias de Leiria, Pousos, Barreira e Cortes.

A alteração conforma-se com o disposto no Plano Diretor Municipal de Leiria, passando os Lotes 5 e 6 a apresentar os seguintes parâmetros:

• Alterações aos lotes 5 e 6:

- Redução da área do lote 5 de 1200,00m2 para 1133,20m2 (-66,80m2);
- Aumento da área do lote 6 de 1200,00m2 para 1266,80m2 (+66,80m2);
- Definição de 1 piso abaixo da cota de soleira por lote;
- Eliminação do parâmetro correspondente a áreas uteis de construção em 2 pisos;
- Aumento da área total de construção de 400,00m2 para 1680,00m2 (+ 1280,00m2):
  - Lote 5 de 200,00m2 para 760,00m2 (+ 560,00m2);
  - Lote 6 de 200,00m2 para 920,00m2 (+ 720,00m2);
- Definição de área bruta de construção, cave, garagem/arrumos em 220,00m2 por lote;
- Definição de área bruta de construção, r/c, habitação em 220,00m2 por lote;
- Definição de área bruta de construção, andar, habitação em 220,00m2 por lote;
- Definição de área bruta de construção, anexo, garagem/arrumos:
  - Lote 5 em 100,00m2;
  - Lote 6 em 260,00m2;
- Alteração dos polígonos de implantação e consequente definição dos afastamentos ao eixo do arruamento, tardoz, lateral direito e lateral esquerdo:
  - Lote 5 afastamentos 15,00m, 15,00m, 5,00m e 5,00m;
  - Lote 6 afastamentos 15,00m/25,00m, 14,00m, 10,00m e 0,00/4,00m.

Em tudo o mais mantêm-se as prescrições do Alvará de Loteamento n.º 515/1986, emitido em 25 de setembro de 1986 e respetivo aditamento, assim como os demais documentos que os integram.

E para constar, se lavrou o presente Aviso a publicar em jornal de âmbito local e no sítio do Município de Leiria na Internet, bem como de Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados no edifício-sede do Município e da respetiva União de Freguesias.

Leiria, 13 de agosto de 2024.

O Presidente da Câmara Municipal
(Por delegação – Edital n.º 99/2022)
Gonçalo Lopes
«Assinatura digital certificada»

Jornal de Leiria - Edição n.º 2097 -19.09.2024

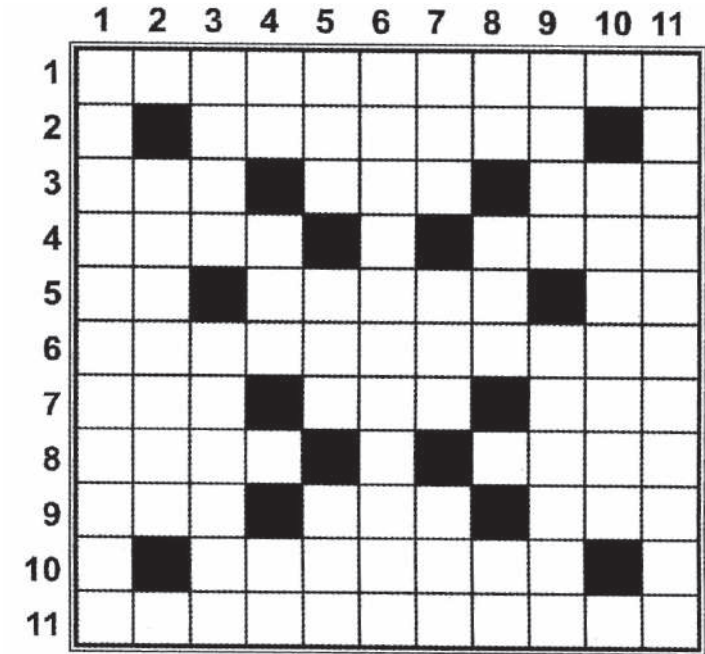
Largo da República, 2414-006 Leiria
Telef.: (+351) 244 839 500 (Chamada para rede fixa nacional)
www.cmleiria.pt | cmleiria@cm-leiria.pt | NIF: 505 181 266

Ficha Técnica

JORLIS, LDA.
Gerência
Catarina Vieira
Direcção Editorial
Catarina Vieira, Orlando Cardoso
Director
Francisco Pedro (C.P. 1798)
direccao@jornaldeleiria.pt
Redacção
Cláudio Garcia (C.P. 3458 A)
Daniela Franco Sousa (C.P. 5430 A)
Elisabete Cruz (C.P. 3022)
Inês Gonçalves Mendes (C.P. C-8649)
Jacinto Silva Duro (C.P. 3443 A)
Maria Anabela Silva (C.P. 2961)
redaccao@jornaldeleiria.pt
Morada Parque Movicortes
2404-006 Leiria
Fotografia
Ricardo Graça (C.P. 5760 A)
Colaboradores permanentes
Alexandra Barata, Bruno Gaspar, José Luís Jorge, Paula Sofia Luz
Direcção Gráfica
Gabinete Técnico Jorlis
Paginação e Produção
Isilda Trindade (coordenação)
isilda.trindade@jornaldeleiria.pt
Rita Carlos rita.carlos@jornaldeleiria.pt
Assinantes
Patrícia Carvalho
(assinantes@jornaldeleiria.pt)
Serviços Administrativos/Tesouraria
Patrícia Carvalho
(patricia.carvalho@jornaldeleiria.pt)
Serviços Comerciais
Rui Pereira (coordenação)
rui.pereira@movicortes.pt
Lúcia Alves
lucia.alves@jornaldeleiria.pt,
Propriedade/Editor
Jorlis - Edições e Publicações, Lda.
Capital Social: €600.000
NIF 502010401
Movicortes, Serviços e Gestão, Lda. - 90%; Catarina Isabel Cunha Vieira - 10%
Morada Parque Movicortes
2404-006 Leiria
Email geral@jornaldeleiria.pt
Telefones 244 800 400 (geral)
244 800 405 (redacção)
(Chamadas para a rede fixa nacional)
Impressão Empresa Gráfica Funchalense
Morada Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, n.º 50
Morelena 2715-028 Pêro Pinheiro
Distribuição VASP
Dia de publicação Quinta-feira
Preço avulso 1,20€
Assinatura anual 40€ (Portugal)
70€ (Europa) 95€ (resto do mundo)
Tiragem média por edição
Mês de Agosto: 15 000 exemplares
N.º de registo: 109980
Depósito legal n.º 5628/84

O **JORNAL DE LEIRIA** está aberto à participação de todos os cidadãos de acordo com o ponto 5 do estatuto Editorial disponível em **jornaldeleiria.pt/empresa**

O JORNAL DE LEIRIA é impresso em papel certificado FSC, garantia de gestão florestal sustentável

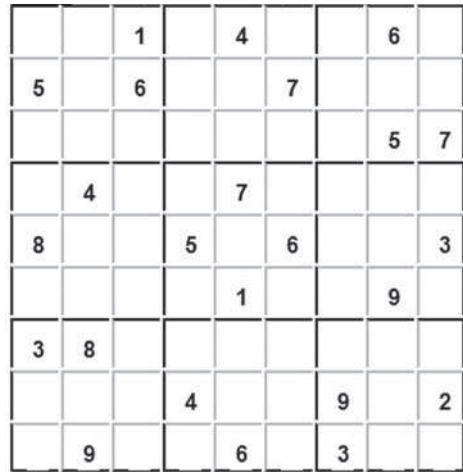
Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS: 1-A religião católica. 2-Povoação do Douro Litoral. 3-Boca (Pref.). Sapo amazónico. Vaticano (abrev.). 4-Poema cantado em honra de Apeles. Faço grandes elogios. 5-Eles. Vagabundo. Radiano (abrev.). 6-Aquele que manipula. 7-Re-petição de um som. Uno, ligo. Sufixo diminutivo. 8-Receia. Amarram. 9-Televisão Italiana (sigla). Nome de mulher. Naquele lugar. 10-Andam no mar. 11-Que produz febre-amarela.

VERTICAIS: 1-Medida do tempo. 2-Semelhante à rosa. 3-Voz imitativa do som da campainha ou sineta. Escolhe um nome, nomeia. 4-O sono dos meninos. Ovelha (Pref.). Sopro. 5-Satélite natural da Terra. Pá, espádua. Ave (Pref.). 6-Diz-se da fração numérica cujos termos são primos entre si, e que, portanto, não é simplificável (Mat.). 7-Espaço infinito onde giram os astros. Rei lendário de Troia. Fiz algo. 8-Palavra latina que significa isso. Antiga possessão portuguesa na Índia. Prata (s.q.). 9-Tareia, surra. Doutrina. 10-O m. q. abroteal. 11-Relativo à ortodromia.

Solução do problema anterior:

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	E	T	C	■	D	E	S	P	O	T	A
2	D	I	E	S	E	L	■	O	M	A	R
3	I	O	L	E	S	■	B	U	S	T	O
4	F	S	■	R	E	C	A	S	■	U	M
5	I	■	S	I	N	A	L	A	R	■	A
6	C	O	R	A	L	I	A	R	I	O	S
7	A	■	A	M	A	R	I	A	S	■	S
8	T	E	■	E	C	O	E	M	■	B	E
9	I	N	A	N	E	■	I	O	D	A	M
10	V	O	L	T	■	U	R	S	I	N	O
11	O	L	E	E	N	T	O	■	U	I	S

Sudoku

		1		4			6	
5		6			7			
							5	7
	4			7				
8			5		6			3
				1			9	
3	8							
			4			9		2
	9			6		3		

Grau de dificuldade: **Suave**

Solução do problema anterior:

2	9	4	6	1	5	3	8	7
1	6	8	9	3	7	2	4	5
3	5	7	4	2	8	6	9	1
9	8	5	1	4	6	7	2	3
4	2	1	7	5	3	8	6	9
6	7	3	2	8	9	1	5	4
5	4	2	8	7	1	9	3	6
8	1	9	3	6	4	5	7	2
7	3	6	5	9	2	4	1	8

Boletim de Assinatura

Nome | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

Morada | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

CP | | | | |-| | | | **Localidade** | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

País | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | **Telefone** | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

Profissão | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | **Habilitações Literárias** | | | | | | | | | | | | | | |

N.º Elementos agregado familiar | | | **NIF** | | | | | | | | | | **Data de nascimento** | | |-| | |-| | |

Email | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

Junto envio cheque/vale postal n.º | | | | | | | | | | no valor de **40€** (Portugal), **70€** (Europa), **95€** (outros países do Mundo) emitido à ordem de Jorlis, Lda., para pagamento da minha assinatura anual do Jornal de Leiria (renovável anualmente, salvo indicações em contrário). Para pagamento por transferência bancária para o NIB 003503930008317863056 (anexar comprovativo).

Para mais informações contactar pelo Tel. 244 800 400 (Chamada para a rede fixa nacional) ou E-mail: assinantes@jornaldeleiria.pt

Assinatura ______________________

Mística do andebol da Sismaria celebra 50 anos mas futuro não está assegurado

Começou como um local onde se jogava às cartas, mas foi com o andebol que o AC Sismaria subiu à elite nacional. A sucessão directiva preocupa no ano em que se assinala o cinquentenário da modalidade no clube

Inês Gonçalves Mendes
ines.mendes@jornaldeleiria.pt

José Maria Querido deu os primeiros passos no andebol pelo Ateneu de Leiria e, antes de dar asas ao andebol no AC Sismaria, jogava pelo Sporting Marinhense. Hoje, sem papas na língua, assume-se como "pai do andebol em Leiria" e lembra-se que a pior coisa que um treinador podia fazer era deixá-lo no banco.

Dia e noite, a vontade era ter uma bola nas mãos para saciar a vontade de rematar. Antes de estar ligado ao AC Sismaria, já fazia parte da sua história. "Assentei arraiais aqui com 11 anos. Na altura, o clube abria quando apetecia aos dirigentes, as pessoas trabalhavam", lembra.

Corria o ano de 1974 quando o Marinhense se sagrou campeão distrital, mas "não havia ninguém para entregar as medalhas".

José Maria Querido disponibilizou-se para arranjar uma equipa de andebol "da estação" para fazer um jogo e entregar as medalhas. "Eu, em vez de jogar para o Marinhense, joguei pelo Sismaria. E então ganhámos. Recebi a minha medalha do Marinhense com a camisola do Sismaria", recorda.

No mesmo ano, o jovem atleta perguntou ao amigo, também adepto de andebol, Vítor Violante: "Porque não arranjamos aqui [no AC Sismaria] uma equipa de andebol?". A ideia estava lançada, mas esbarrou, por momentos, contra a direcção, que levantou a questão dos custos do material. "Nós assumimos o compromisso de fazer os equipamentos e pagá-los".

Naquela altura, Leiria não tinha lojas de desporto e os jovens encontraram uma fábrica em Minde que deu vida ao sonho destes adeptos.

No mesmo ano, surge também o andebol na União de Leiria e a rivalidade acende-se. Arrancava a "febre do andebol" em Leiria e, em dias de jogo, a população deslocava-se em procissão até ao pavilhão para torcer pelos seus, a envergar bandeiras e a entoar os cânticos associados aos clubes.

"A partir dali, começou a criar-se um bairrismo e uma clubite, às vezes também doentios", afirma, entre risos, o actual presidente do AC Sismaria.

No primeiro campeonato distrital, o clube da estação foi derrotado pela União de Leiria, no jogo de apuramento para a divisão nacional, "por um golo marcado no último minuto de penálti de sete metros pelo José Sebastião, que eu continuo a achar que foi um penálti mal marcado e roubado", defende, praticamente 50 anos depois do lance.

Nos tempos áureos do andebol, o Sismaria levava largas centenas de adeptos aos jogos. Houve um "crescimento exponencial", agudizado pelas conquistas. O andebol no AC Sismaria surgiu em 1974 e, quatro anos depois, a equipa já subia à primeira divisão. "Chegou a um ponto que tínhamos 40 pessoas a treinar."

Sobretudo, vivia-se a "mística" do AC Sismaria no seu pleno, com adeptos, jogadores e dirigentes a contribuir activamente para a dinamização do clube.

As dificuldades também fazem parte da história do andebol da Sismaria e todo o fervor inicial foi desvanecendo com os anos. Mesmo com o AC Sismaria a correr-lhe no sangue, José Maria Querido esteve 25 anos afastado do clube. Regressou em 2020 quando soube que não havia solução directiva, mesmo sob a 'ameaça de divórcio', vinda da esposa.

Respondeu ao convite e não se divorciou. No ano seguinte, tomou uma decisão difícil. Sem encontrar equipa técnica, viu-se obrigado a terminar com a equipa sénior, situação resolvida no ano seguinte.

Hoje, o AC Sismaria está no lugar "que lhe pertence" e milita na II Divisão Nacional. O primeiro desafio da época está marcado para o próximo sábado, 21 de Setembro, contra o Alavarium, pelas 15 horas, no pavilhão da equipa adversária.

No entanto, o problema que colocou José Maria Querido na direcção é aquele que também o impede de sair. "Olho para o clube com muita preocupação porque não tem sucessão. Não há candidatos, não há ninguém que queira vir substituir esta direcção", lamenta.

O dirigente pinta uma tela negra quando fala sobre o futuro do clube, dizendo mesmo que está a caminhar "para a sua extinção". A próxima Assembleia Geral acontece em Outubro, onde o futuro do Sismaria será decidido.

"Mística" sobrevive nos meandros das equipas

Mesmo com o vazio directivo, há quem ainda viva a mística do AC Sismaria como se estivesse em 1974.

Além das equipas federadas, um conjunto de antigos jogadores e adeptos da modalidade junta-se, às quartas-feiras, para matar saudades da modalidade. Os treinos dos *masters* costumam contar já com mais de 20 pessoas, associados ao princípio que sempre guiou o andebol no clube ao longo destes 50 anos: todos são bem-vindos, mesmo quem nunca jogou andebol. "Até numa equipa onde não há competição, nota-se o espírito da Sismaria", revela Paulo Renato, um dos jogadores, ao acrescentar que, este ano, os jogadores vão ser federados. "É apaixonante."

IGM

José Maria Querido criou o andebol no AC Sismaria e agora luta para mantê-lo

Começou a criar-se um bairrismo e uma clubite, às vezes também doentios
José Maria Querido

Hóquei do SL Marrazes duplica atletas mas fica sem espaço para treinar

Inês Gonçalves Mendes
ines.mendes@jornaldeleiria.pt

A secção de hóquei em patins do Sport Clube Leiria e Marrazes (SCL Marrazes) viu, este ano, o seu número de atletas duplicar de 50 para cerca de 100 e, por isso, foi confrontada com a necessidade de encaixar mais equipas no Pavilhão Polidesportivo de Marrazes.

Contudo, foi atribuída a "mesma carga horária", que não permite colocar todas as crianças a treinar. "A câmara disse que não ia mexer nos horários", denuncia Simão Clemente, responsável pela secção do hóquei do clube, consternado por ter atletas a cargo que ainda não podem calçar os patins e deslizar no campo.

O dirigente adianta que já decorreram reuniões com a autarquia e com a junta de freguesia, que não permitiram encontrar uma solução. "Já perdi atletas que queriam vir para aqui, mas, para treinar uma vez por semana, desistiram da ideia", comenta.

Além do pavilhão nos Marrazes, foi dada a hipótese de agendar treinos no Pavilhão Municipal de Colmeias. No entanto, Simão Clemente refere que esta localização iria criar dificuldades em toda a logística, nomeadamente com o transporte do material e o das crianças.

"Historicamente, esta é a nossa casa", defende o responsável, referindo-se ao pavilhão de Marrazes, onde querem continuar a treinar. Colocam também a opção de treinar no pavilhão do novo Centro Escolar de Marrazes, solução já negada. "O hóquei não risca o chão", clama.

RICARDO GRAÇA/ARQUIVO

Secção do hóquei queixa-se da falta soluções, numa altura em que a época já iniciou

Questionado pelo JORNAL DE LEIRIA, o vereador da Câmara Municipal de Leiria com o pelouro do Desporto, Carlos Palheira, lembra que a autarquia, nos últimos anos, atribuiu mais horas ao hóquei do SCL Marrazes, respondendo ao crescimento do clube, mas, neste momento, há dificuldade em atribuir mais tempos nos períodos mais solicitados, entre as 19:00 e as 22:00 horas.

"Há um esforço enorme da câmara para atribuir tempos", garante o vereador, antes de acrescentar que os espaços desportivos do concelho têm registado "muita procura".

No pavilhão, treina também o clube de Patinagem Artística de Marrazes. "Para o SCL Marrazes ficar com mais tempo, teríamos de retirar e condicionar o projecto da patinagem, o que também não é justo", acrescentou.

Sobre a opção de colocar as crianças a treinar no novo centro escolar, Carlos Palheira refuta a hipótese, já que não é um pavilhão adaptado ao hóquei. "Tinha de se meter tabelas e as tabelas inibem a realização de jogos de futsal e andebol. Envolveria muita perfuração de solos."

Ciente de que a prática desportiva continua a crescer no concelho, o vereador admite que o município está já a "pensar no aumento da oferta de espaços".

Atletas da região vencem Europeu de futebol de praia

A selecção nacional revalidou o título de campeã europeia após bater a Itália no jogo decisivo da Superfinal da Liga Europeia, por 5-1.

Dos cinco golos da equipa lusa, três deles têm a assinatura de jogadores da região.

Após o primeiro golo de Bê Martins, o leiriense André Lourenço fez o 2-0 e, logo a seguir, o nazareno Jordan Santos ampliou o marcador, dando a Portugal uma vantagem confortável no final do primeiro período.

No último tempo, Portugal selou a vitória. Bê Martins bisou na partida e Rúben Brilhante, igualmente da Nazaré, fez a mão cheia de golos para a selecção.

DR

Jordan Santos foi eleito o melhor marcador

A Itália ainda marcou um golo, já no penúltimo minuto do terceiro tempo. Na equipa esteve também Bernardo Lopes, de Leiria, que celebra também o título de campeão europeu.

Houve tempo ainda para distinguir Jordan Santos com o título de melhor marcador da prova, por ter marcado 11 golos.

A Superfinal da Liga Europeia disputou-se em Alghero, cidade italiana situada na costa noroeste da Sardenha.

Este foi o nono título europeu para a selecção nacional.

BREVES

Rali Campeão nacional decide-se na região

O campeão nacional de ralis vai ser decidido no Rallye Vidreiro Centro de Portugal, com Alcobaça a receber a última especial e a cerimónia de pódio. A prova mais carismática de ralis da região de Leiria arranca a 10 de Outubro, com passagens por São Pedro de Moel, Mata Mourisca e Pombal. Concluídas sete das oito rondas do Campeonato Nacional de Ralis, Armindo Araújo e Kris Meeke vão disputar o título e ainda está tudo em aberto.

Atletismo Centro de treinos inaugurado na Caranguejeira

O Grupo de Atletismo da Caranguejeira inaugurou, no domingo, o seu centro de treinos, um espaço coberto que conta com uma pista de salto em comprimento e de velocidade e que, no futuro, irá ter uma zona de lançamento do disco. A nova pista teve um investimento de 34 mil euros. O coordenador técnico do GAC, Rui Militão sublinhou que o equipamento "vem acrescentar valor" ao clube.

Gala Associação de futebol distingue clubes e atletas

A Associação de Futebol de Leiria vai distinguir clubes e atletas da região na próxima XI Gala do Futebol Distrital, agendada para a noite de amanhã, 20 de Setembro, no Teatro José Lúcio da Silva, concelho de Leiria. Dirigentes, árbitros e treinadores também vão ser galardoados nesta noite, que pretende destacar e homenagear o melhor do futebol, futsal e futebol de praia do distrito. O evento junta, numa noite, todos os clubes filiados na Associação.

VIVER

Acaso Um novo coro de leitores e um cartaz com 25 eventos e sete países

Muito teatro, mas também música, circo e cinema, durante cinco semanas, em Leiria, Batalha e Porto de Mós. O festival abraça a diversidade com espectáculos para todos os públicos e para todas as idades

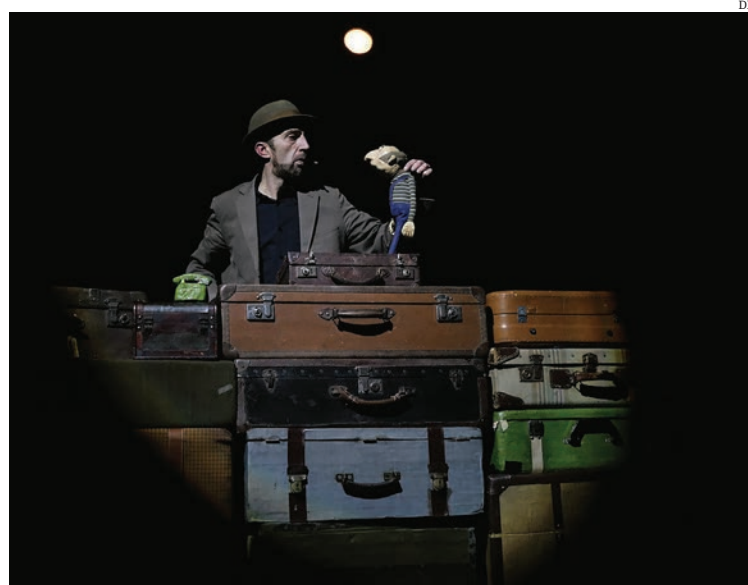
Cláudio Garcia
claudio.garcia@jornaldeleiria.pt

Uma lebre, uma hiena e uma pedra com barba. Não entram num bar, mas encontram-se em palco. E sim, há uma história com humor, como nas melhores anedotas. A primeira história contada pelo Coro de Leitores organizado por Rodolfo Castro em parceria com o colectivo O Nariz, na antecâmara do festival de teatro Acaso, que começa este sábado, 21 de Setembro, em Leiria.

Para lançar o Acaso em 2024, O Nariz escolheu duas actividades: o espectáculo de marionetas *Estación Paraíso*, da companhia La Maquiné, de Espanha, e a residência artística Coro de Leitores, coordenada por Rodolfo Castro, que decorreu no fim-de-semana de 13, 14 e 15 de Setembro, com apresentação ao público no domingo, no Espaço O Nariz Recreio dos Artistas.

"Em Portugal, há vários coros de leitores, que não funcionam de forma regular. Há só um coro de leitores que funciona de forma regular, mas é um coro amador. Então, a ideia, com a companhia O Nariz, é criar um coro profissional", explica Rodolfo Castro, que é natural da Argentina e vive em Portugal há 15 anos. "Criar repertório e passar da leitura para a narração, ou seja, entramos pela leitura em voz alta, todos lemos a várias vozes um texto, mas, que chegue o momento em que consigamos pôr de lado o texto para libertar o corpo e poder fazer uma apresentação profissional, um coro de contadores de histórias".

Na estreia, oito mulheres e um homem, com e sem experiência, juntaram-se a Rodolfo Castro - ele próprio contador de histórias, além de escritor e ilustrador - para materializar "um formato colectivo, comunitário, solidário" que, como em qualquer outro coro, se inspira numa partitura com sons, ritmo, movimento e informação. "E é muito enriquecedor, porque nunca ninguém imagina tudo o que outro pode apportar. E é incrível". Rodolfo Castro assinala: "A narração oral é, se calhar, uma das artes mais antigas da Humanidade, e toca fibras muito íntimas. A voz é um motor muito forte da acção, do pensamento, dos sentimentos".

RICARDO GRAÇA

DR

Na imagem maior, em cima, o contador de histórias Rodolfo Castro e o colectivo que se estreou domingo passado no Recreio dos Artistas. Em baixo, *Eu Quero a Lua*

O Nariz vai à guerra

Entretanto, com os conflitos na Ucrânia e no Médio Oriente como pano de fundo, no arranque do Acaso O Nariz recua quase 30 anos e estreia a nova versão da primeira produção do seu próprio repertório: *O Meu Pequeno País*, para maiores de 12 anos, a partir de um texto de Luís Mourão, abre o festival no Teatro Miguel Franco, depois de amanhã, às 21:30 horas. "Uma peça com soldados insensíveis, sargentos cretinos e generais com problemas graves", pode ler-se na sinopse. E também com "interferências" que incluem uma passagem do texto "Coelhos" de António Morais e um excerto de "Paixões da Alma" de Descartes.

"É um espectáculo mais longo, falado em quatro línguas - português, castelhano, inglês e francês - e com quatro actores, mais um do que tinha. É uma peça completamente diferente", revela Pedro Oliveira. *O Meu Pequeno País* - acrescenta o encenador - aborda o tema da guerra e da ocupação do território e funciona como "uma alegoria sarcástica do que se passou, passa e passará enquanto houver engenharia de guerra". E explica: "Há um militar, que tem uma campa térrea, com um tomateiro, uma alface e uma couve. É o seu pequeno país, que começa a ser disputado por outros". A interpretação está a cargo de Francisco Soares, Gabriel Bonifácio, Glenmy Rodríguez e do próprio Pedro Oliveira.

Da Colômbia à Austrália

Ainda no primeiro fim-de-semana, o Acaso desloca-se ao concelho de Porto de Mós e, em Alvados, propõe a sessão Contos ao Pôr do Sol, para todas as idades, no Jardim Flor da Serra, em que participam os contadores Ana Moderno, Liliana Gonçalves, Luís Mourão e Pedro Oliveira, os músicos Berto Bé (guitarra), Daniel Reis (hang), Diana Catarino (saxofone) e Marciano Silva (voz) e em que José Siphioni vai dirigir uma oficina de olaria.

No segundo fim-de-semana, o programa do Acaso contempla quatro espectáculos entre quinta-feira (26 de Setembro) e domingo (29 de Setembro), sempre em Leiria: *El Casting* (teatro), por Glenmy Rodríguez, de Cuba; *Terror e Miséria do Terceiro Reich* (teatro), pela Companhia da Esquina; *O Último Gafanhoto do Deserto* (teatro), pelo Saaraci Coletivo Teatral (Portugal e Cabo Verde) e *Eu Quero a Lua* (marionetas), uma produção Partículas Elementares.

Teatro, música, marionetas, contos, circo, cinema, performances multidisciplinares, uma tertúlia sobre as portas que Abril abriu e o micro-festival O Portão preenchem o programa que durante cinco semanas entre 21 de Setembro e 27 de Outubro se realiza em Leiria, Batalha e Porto de Mós.

Ao todo, há sete países representados. Com raízes internacionais (Austrália, Cabo Verde, Colômbia, Cuba, Espanha, Moçambique) estão Glenmy Rodríguez, Saaraci Coletivo Teatral, Francis J. Quirós, Alúa Teatro, Companhia eLe, Chris Blaze, Andrea Rios Companhia, El Perro Azul, Mireia Miracle Company e Klemente Tsamba. De Portugal, participam O Nariz, Partículas Elementares, Marimbondo, Companhia da Esquina, Teatro Só, Teatro Nacional 21, Art'Imagem, Teatro Extremo, Teatro Amador de Pombal, Iúri Oliveira, Bluesnoise Soundmachine , Samuel Quedas, Lúcia Moniz, Luís Mourão e Nuno Tavares.

Na 29ª edição, com direcção artística e de produção de Pedro Oliveira e Vitória Condeço, O Nariz oferece "um programa que abraça a desordem, a imprevisibilidade e a multiplicidade de vozes, temas e estilos e que, paradoxalmente, encontra a beleza e a coerência na sua própria incoerência".

RAF

A viagem entre dois EP e uma escala ao vivo

Desde há mais de um século, a sigla RAF designa a real força áerea britânica, que por duas vezes ajudou a vencer a ameaça nazi. RAF é o nome de guerra escolhido por Rafael Coelho (que viveu nas ilhas britânicas) para ir a palco e assinar as primeiras edições. No ano passado, saiu o *single* "Essa", e em Maio de 2024, o EP de estreia, *Terceira Pessoa*. A apresentação oficial ao público acontece este sábado, 21 de Setembro, na Black Box, com início às 21:30 horas.

Como um bombardeiro ou avião de caça em pleno voo, RAF está a meio caminho entre dois territórios, o que se reflecte no alinhamento previsto para o concerto em Leiria, cidade onde nasceu e reside. Vai "mostrar o que foi feito" e também "o que vai ser lançado no futuro", explica o músico, ou seja, excertos do novo EP, *Third Person*, cantado em inglês, com lançamento agendado para 2025. Os dois trabalhos completam-se, "quase como se fossem dois lados da moeda".

Nas canções que escreve, RAF procura conciliar as raízes com influências de vários géneros musicais (*pop, afrobeat, rap, R&B*) e artistas como Van Zee ou Slow J. Sempre com uma "escrita pessoal" e "íntima", em que frequentemente analisa sentimentos e relações.

Depois de um ano em Lisboa, em que trabalhou e aproveitou para frequentar cursos de teatro e jornalismo, Rafael Coelho mudou-se para a República da Irlanda e estudou música em Dublin. Está agora de regresso a casa e, na Black Box, conta com os convidados Mike Flowers, Nerublanco e Rafa Martini, todos de Leiria.

DR

O espectáculo pretende sensibilizar o público para a protecção do planeta

RICARDO GRAÇA

Playground Surma e o Leirena imaginam o fim do mundo com três artistas de circo no rio Lis

Cláudio Garcia
claudio.garcia@jornaldeleiria.pt

Para entrar em cena, os três *performers* vão a nado ou de canoa. A acção decorre ao ar livre sobre uma plataforma insuflável com 12 metros de comprimento e três de largura que se encontra estacionada no rio Lis, diante do parque do avião, em Leiria. O novo espectáculo do Leirena tem estreia agendada para o próximo domingo, 22 de Setembro, pelas 16 horas. A narrativa convida o público a olhar-se ao espelho: estamos mesmo a proteger o planeta de que (todos) precisamos para viver?

Playground começa com dois homens a trepar o *water blob*, que, segundo o encenador, Frédéric da Cruz Pires, representa "o último pedaço de terra", uma ilha num mundo pós-apocalíptico. A superfície, instável como o quotidiano de quem na vida real já sofre os efeitos das alterações climáticas, rapidamente se torna o cenário do conflito e da competição por cada palmo, que a chegada de um terceiro elemento, mulher, só agrava. Mesmo com tréguas, por exemplo, para recolher gotas de chuva, os desentendimentos e a falta de cooperação acabam por condenar o grupo ao pior destino.

Com música original de Surma, *Playground* é uma produção de teatro físico em que não há palavra, mas não faltam saltos, acrobacias, malabarismos e humor. Ao longo de 50 minutos, a companhia de Leiria procura reflectir sobre "o egoísmo do Homem" e o impacto da nossa espécie no meio ambiente. Pela primeira vez, Frédéric da Cruz Pires trabalha sem actores - todo o enredo está suportado nos ombros de três artistas de circo contemporâneo, Montserrat Marin, Ivo Nicolau e Joka, que asseguram o "jogo performativo".

O director artístico do Leirena queria, há muito, criar um espectáculo na água, depois de já ter ocupado "cenários" e "espaços inusitados" que levam a arte a habitar florestas e ruínas - o que sucede no ciclo Estações Efémeras. No Lis, vê "um potencial enorme", que não só "não é usado", como, "às vezes, até é esquecido".

Durante os ensaios, com algumas quedas ao rio pelo meio, o *water blob* amarelo importado dos Estados Unidos atraiu olhares e curiosidade. Na apresentação, o acesso do público também será livre e gratuito.

Desenhado para rios, piscinas, lagos ou praias, *Playground* repete já a 28 de Setembro, na Praia da Vieira. Tem apoio da Direcção-Geral das Artes e conta com o Teatro Stephens e o Teatro José Lúcio da Silva como co-produtores. O Leirena garantiu já mais nove datas e espera internacionalizar o espectáculo, possivelmente em Espanha e no Chile.

Internacionalização
A caminho da Arábia Saudita

Entre 29 de Setembro e 4 de Outubro, o director artístico do Leirena, Frédéric da Cruz Pires, vai trabalhar na Arábia Saudita com a comunidade portuguesa residente em Riade, naquela que é a primeira internacionalização do Leirena. Em causa está uma residência artística, a dirigir por Frédéric da Cruz Pires, com o objectivo de criar dois espectáculos originais, protagonizados por actores amadores (adultos e crianças). "Este lado da internacionalização é importante não só para a companhia como também, pensamos nós, para todos os nossos parceiros regionais", diz ao JORNAL DE LEIRIA. Há mais: no início de 2025, o encenador vai estar duas semanas no Brasil, a pesquisar, junto de uma comunidade indígena, para um novo espectáculo do Leirena, que trata o tema dos sem-terra em relação com a crise da habitação e com as migrações provocadas pelas alterações climáticas. Actualmente com 20 colaboradores a tempo inteiro ou parcial, o Leirena tem trabalhado regularmente com nove municípios portugueses.

AGENDA

Lisa Sereno
Concerto; Sexta, 20; 18h30; Livraria Arquivo, Leiria

1.º Festival Jazz da Batalha
Concerto; Kyle Green Quintet; Sexta, 20; 21h30; São Mamede, Batalha

Luta Armada
Teatro; Companhia Hotel Europa; Sexta, 20; 21h30; Teatro-Cine de Pombal

Revolução na América do Sul
Teatro; Texto de Augusto Boal; Direcção de Wellington Fagner; Dramaturgia de Wellington Júnior; Sexta, 20; 21h30; Teatro Municipal de Ourém

Cordofonia
Festival de cordofones; Sábado, 21; 10h30 - 02h00; Seiça, Ourém

Transmutação: Virtual Imposto ao Real
Exposição; Ricardo Valverde; Inauguração; Sábado, 21; 16h; Museu m|i|mo, Leiria

D. Frei Gaspar do Casal e o Convento de Santo Agostinho, em Leiria: Contributos para a sua História
Apresentação do livro de Mário Rui Simões Rodrigues e Agostinho de Sousa Matias; Sábado, 21; 15h30; Museu de Leiria

Teoria do Jazz, Volume II
Apresentação do livro de César Cardoso; Sábado, 21; 17h30; Livraria Arquivo, Leiria

Inês Condeço & Pedro PMDS
Concerto; 4.º Ciclo de Música Exploratória Portuguesa; Sábado, 21; 19h; CDIL - Igreja da Misericórdia, Leiria

Cascas d'Ovo
Dança; Jonas & Lander; Sábado, 21;; 21h30; Teatro Stephens, Marinha Grande

Remember ABBA
Concerto de tributo; Sábado, 21; 21h30; Teatro José Lúcio da Silva, Leiria

Leiria Branca
Música; The Freak Deejays, Usados com Garantia, Pete Tha Zouk, Ruca; Sábado, 21; 22h; Castelo de Leiria

Mapas
Várias actividades; Domingo, 22; 10h-18h; Parceiros, Leiria

La Esmeralda
Dança; CBCL - Companhia de Ballet Clássico de Leiria; Domingo, 22; 17h; Teatro José Lúcio da Silva, Leiria

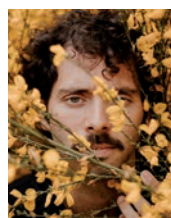
Layla Martínez
Apresentação do livro Caruncho; Terça, 24; 18h30; Livaria Arquivo, Leiria

Não Prometemos Para Mais Ninguém
Stand-up comedy; Catarina e António Raminhos; Quarta, 25; 21h30; Teatro José Lúcio da Silva, Leiria

VIVER

Mapas Um roteiro com arte entre lavadouros encerra a edição Leiria

É apenas um dia, ou melhor, algumas horas, entre a manhã e o final da tarde, mas neste apenas cabem oito actividades, todas em território da freguesia de Parceiros. O encerramento do Mapas Leiria acontece, então, já no próximo domingo, 22 de Setembro, com um percurso artístico invulgar que liga os lavadouros de Pernelhas e de Casal do Ralha. A programação tem curadoria da Omnichord.

É, justamente, no lavadouro de Pernelhas, que a jornada começa, pelas 10 horas, com o músico Edgar Valente, co-fundador do projecto Criatura. Segue-se o concerto da dupla luso-venezuelana e brasileira Arianna Casellas e Kauê (11 horas) e a oficina-passeio O Que Esconde a Natureza?, por Alípio Rosa, um dos habitantes de Casal do Ralha.

Domingo, às 10 horas, no lavadouro de Pernelhas: Edgar Valente, dos Criatura

Depois do piquenique em comunidade, o programa da tarde arranca às 14 horas, no lavadouro do Casal do Ralha, com a apresentação do resultado da residência artística que junta o Coro dos Pinheiros com a cantora e compositora Bia Maria, a que se soma a narrativa visual criada pelo Casota Collective. Pelas 15 horas, é exibido o documentário *Pessoas-Mapas*, em que emergem vozes locais protagonistas do sentimento de chamar a um lugar casa e de fazer dos laços de convívio família. No mesmo sentido, a Conversa de Café Central (15:30 horas) será o gatilho para um diálogo à solta que promove a escuta e o registo do passado, do presente e do futuro, como palco de sonhos e anseios.

A fechar a jornada, depois das 16:30 horas, está prevista a apresentação do espectáculo *O que importa é estarmos juntos*, nascido da colaboração entre o Rancho Regional dos Parceiros, o Grupo de Marchas do Casal da Ralha, Alexandra Saldanha e Nuno Duarte.

Com organização e produção da Omnichord / Ccer Mais, o Mapas procura fomentar nas comunidades a sede de conhecimento, a curiosidade e a vontade de serem parte integrante do seu tecido cultural, ao mesmo tempo que leva propostas artísticas, promove cocriações e estabelece contactos.

Ao longo de 2023 e 2024, procurou marcos, estórias e tradições em Parceiros e Marrazes.

O repertório do "período de ouro" das *big bands* com a Orquestra Jazz de Matosinhos

DR

Jazz Dez anos de festival na Marinha Grande com grandes nomes nacionais

O programa arranca com grandes nomes do panorama nacional. O quinteto de Mário Delgado - de que fazem parte Desidério Lázaro, Alexandre Frazão, Rúben da Luz e Nelson Cascais - abre a décima edição do Festival de Jazz da Marinha Grande, esta sexta-feira, 20 de Setembro, no Auditório José Vareda do Sport Operário Marinhense. O concerto está marcado para as 21:30 horas e o bilhete tem o custo de cinco euros. Ainda no primeiro fim-de-semana, o cartaz oferece, no Museu Joaquim Correia, sábado, pelas 18 horas, a oportunidade de ouvir Jeffery Davis, músico nascido no Canadá, mas radicado em Portugal, que vem formando várias gerações de vibrafonistas.

Na noite de 28 de Setembro, um regresso a casa: o baterista Francisco Gomes apresenta-se em formato quinteto com Álvaro Pinto, Hugo Lobo, Afonso Pais e Thiago Alves. Também de volta às origens, Eduardo Cardinho, que nasceu no concelho vizinho, Leiria, encerra o festival a 1 de Outubro com o mais recente disco, *Not Far From Paradise*, acompanhado pelos músicos José Diogo Martins, João Mortágua, Diogo Alexandre, Frederico Heliodoro e Iuri Oliveira. Pelo meio, a 29 de Setembro, o Teatro Stephens recebe a Orquestra Jazz de Matosinhos, uma referência no universo das *big bands* em Portugal.

Rockin'1000 Leiria quer regresso no próximo ano

O italiano Fabio Zaffagnini, mentor do projecto Rockin'1000, anunciou durante o evento (no sábado, 14 de Setembro) o regresso a Portugal em 2025, ainda sem data e local definido, mas novamente com a promoção e produção da MOT - Memories of Tomorrow. Na segunda-feira, o vereador Carlos Palheira confirmou ao JORNAL DE LEIRIA que Leiria "está disponível" para voltar a receber o concerto dos mil músicos já no próximo ano.

Citado em nota de imprensa, o presidente da Câmara de Leiria, Gonçalo Lopes, considerou que "com este concerto, Leiria entrou definitivamente no mapa dos grandes espectáculos em Portugal", o que reforça "a ambição" da autarquia de afirmar a cidade "como um polo cultural e turístico de referência a nível nacional".

"Ninguém ficou indiferente ao que aconteceu em Leiria", comentou Tiago Castelo Branco, director executivo da MOT, no mesmo comunicado.

"Leiria, com seu charme único, abraçou o nosso projecto e fez-nos mesmo sentir em casa. Estamos entusiasmados em retornar em 2025 com nova energia", promete Fabio Zaffagnini.

CURTAS

Pigs Rock Linda Martini em cartaz com seis concertos

A décima sexta edição do festival de música Pigs Rock acontece este fim-de-semana em Moinhos de Carvide, no concelho de Leiria. Na primeira noite, sexta-feira, 20 de Setembro, tocam Hermosa Beach (da Marinha Grande) e as bandas de tributo Abaixo Cu Sistema (System Of A Down) e Invaders (Prodigy). No sábado, o cartaz é liderado pelos Linda Martini, mas também Fast Eddie Nelson e as Anarchiks vão a palco. O passe para os dois dias custa 15 euros (mais um euro, se for comprado depois de 19 de Setembro). Já o bilhete diário tem o valor de oito euros na sexta-feira e dez euros no sábado. O festival é organizado pela Associação Pig´S On Spetayde.

DR

Apollo Regressa a Meia Maratona de Teatro

O Auditório Apollo no Centro Cultural e Recreativo de Pêras Ruivas, no concelho de Ourém, acolhe a 15ª edição da Meia Maratona de Teatro, organizada, precisamente, pelo Grupo de Teatro Apollo, nos dias 20, 21 e 22 de Setembro. Além do teatro, com espectáculos do Espaço 0, de Mariana Fonseca e do Grupo de Teatro de Idade Maior do TMO, há música (Paulo Rafael, Ensemble Juvenil de Ourém da AMBO e Medi Sound Station meets Rupah Roots), contos (Ana Moderno, Liliana Gonçalves, Rodolfo Castro e o Teatro Experimental da Figueira da Foz), dança (Espírito Claro) e um *workshop* pelo Manipulartes. Algumas actividades são gratuitas.

Festa Jornadas do património no fim-de-semana

Sob o tema Rotas, Redes e Conexões, a edição de 2024 das Jornadas Europeias do Património acontecem no próximo fim-de-semana, de 20 a 22 de Setembro, com actividades especiais em museus e monumentos. Leiria e outros concelhos da região aderem à iniciativa, e também os mosteiros da Batalha e de Alcobaça.

RICARDO GRAÇA

Passaporte Alunos do Politécnico têm borlas na cultura

Cerca de 40 caloiros do Politécnico de Leiria receberam na segunda-feira o Passaporte Cultural, iniciativa do estabelecimento de ensino superior e do município para ajudar à integração dos novos alunos, que vai chegar a 2.250 estudantes nesta primeira fase. A cerimónia de entrega simbólica, representativa da entrega do documento a quem foi aceite nas licenciaturas do Politécnico que funcionam na capital de distrito, decorreu na Biblioteca José Saramago. O Passaporte Cultural de Leiria apresenta-se bilingue, em português e inglês, e dá acesso gratuito aos estudantes a 11 espaços.

26 ESCRITORES • 26 FOTÓGRAFOS • 26 LETRAS • 26 MESES

Um projecto artístico que liga escritores de língua portuguesa e fotógrafos de outras geografias. Juntos na construção de um alfabeto comum.

ALFABETO GLOBAL

Coordenação Paulo Kellerman

Não se vive da poesia

Então, o que vai ser?

- Quero levar 120 gramas de palavras.

- De quais?

- Estou indecisa. São para servir à Rainha. Vai tomar chá lá a casa, mas tenho o dinheiro contado.

Digo-lhe a si senhor Alfredo, mas não conte a ninguém: a minha patroa não gostou muito das últimas que lhe foram servidas no palácio e agora quer pagar-lhe da mesma moeda.

- Compreendo, ainda assim, não convém levar das mais baratas.

- O que me diz destas aqui?

- A Colheita dos Políticos? Você é quem sabe. Baratas lá isso são. Leves. Bonitas por fora e ocas por dentro. E não duram muito tempo, nem no frigorífico. Apodrecem num instante.

- E aquelas ali?

- É preciso ter cuidado com estas. São deliciosas, viciantes. São da Colheita do Bajulador.

- Ah, já me lembro. Levei-as da última vez. A Rainha gostou muito.

- Talvez não seja boa ideia repetir. Você é quem sabe, mas estas palavras têm tendência para engordar.

- Concordo, e a Rainha pode notar e aborrecer-se de lhe servirem sempre o mesmo. Além do mais, não me parece que a minha patroa as queira para hoje. O que me diz da Colheita do Humorista?

- São uma delicatessen, os especialistas gostam muito.

- Só os especialistas?

- Sabe, estas palavras têm um toque de ironia, uma especiaria que nem todos conseguem sentir, nem tão pouco saborear. Não são das mais baratas e se a Rainha não for apreciadora, é dinheiro mal gasto.

- As palavras dos políticos não, as dos bajuladores também não, nem as dos humoristas... não sei o que levar.

- Boas, boas, dignas de uma rainha, são as palavras dos poetas. Bonitas por fora e por dentro. Às vezes basta uma palavra para a pessoa ficar satisfeita, embora eu conheça dois ou três casos que não se dão bem com elas, pessoas de estômagos sensíveis, sabe como é. Mas no geral, toda a gente gosta. E mesmo os que estranham, quando sabem que se trata da Colheita do Poeta, vêm comprar mais. É preciso insistir. Com treino, qualquer um consegue sentir o requinte.

- E porque são tão caras?

- Os poetas são os verdadeiros artesãos das palavras. Deixam as palavras levedar, não as põem no mercado de qualquer maneira, não, os poetas não as lançam para o ar. Ficam guardadas até sentirem que estão no ponto. Sabe, o mais importante não é a palavra, disso qualquer um é capaz, nem o embrulho por muito brilhante que seja. O mais importante não se ouve; o mais importante só o poeta vê e sente. Sensibilidade e intuição, na opinião dos admiradores, técnica na opinião dos mais cépticos. Acreditem no que quiserem, eu conheço uma mão cheia de poetas que obrigam-se ao silêncio para escutarem melhor, para respirarem melhor, para pensarem melhor. Vivem com uma ansiedade permanente no peito e com a dúvida desde que se levantam até que se deitam. O poeta nunca tem bem a certeza, não segue uma receita, quer fazer diferente, melhor, sempre diferente, sempre melhor. Sempre insatisfeito. Alguns enlouquecem. Ser poeta não é para toda a gente. Correm riscos. Como deve calcular, tudo isto custa dinheiro.

- Ora essa senhor Alfredo. As palavras dos poetas?

- Sim, nunca provou?

- Não estou a duvidar da sua palavra. O senhor, melhor que ninguém, sabe do que fala. A questão é que toda a gente sabe que não se vive da poesia. Como podem ser tão caras?

- São os intermediários. Ficam com tudo.

- E os poetas não sabem disso?

- São almas ingénuas. Não percebem nada do mercado. Fazem o que fazem porque acreditam que assim é que tem de ser. Uns dizem que as palavras são uma maldição e que só sobrevivem se as soltarem. Outros dizem que são uma benção e por isso têm de as partilhar. Não se entendem uns com os outros. Vivem isolados, não se organizam, sabem lá o que são sindicatos e classes profissionais. Já se sabe que nestas situações, há sempre quem se aproveite.

- Não me parece justo pagarmos tanto, se quem tem o trabalho de deitar as palavras cá para fora recebe tão pouco.

- Talvez o problema seja mesmo esse. Os poetas não vêem isto como um trabalho. É uma questão de sobrevivência ou de solidariedade. É um desígnio. E, no entanto, são os únicos que sabem tratar a matéria-prima como deve ser, com o coração. As palavras deles são as que verdadeiramente alimentam. A dos outros... mais valia estarem calados.

- Olhe, com isto acho que já me decidi.

- Então, o que vai ser?

- Esqueça as palavras, senhor Alfredo. Levo uma dúzia de sonhos.

©ANNABEL STAFF FOR NATIONAL GEOGRAPHIC

FAUSTA PEREIRA
TEXTO

Fausta Pereira é autora da obra *Dormir com Lisboa*, premiada na Galiza com o Prémio Antón Risco. Para além de *O Homem do Puzzle*, é autora do livro de viagens *Bom Caminho*. É exploradora da National Geographic Society, e gestora de projectos de impacto social. Com trabalho internacional, em campos de refugiados e em países africanos, desenvolve projectos que combinam o *storytelling* com linguagens artísticas, como forma de melhorar processos de ensino e promover o diálogo intercultural.

THEO BUNGE
FOTOGRAFIA

Theo Bunge é professor de línguas e fotógrafo de Joanesburgo, África do Sul. Recentemente, reavivou uma paixão antiga pela fotografia e começou uma galeria no Instagram (@tfb700), onde foi notado e convidado a juntar-se ao Projeto Fotografar Palavras de Paulo Kellerman, do qual tem colaborado regularmente desde então, incluindo duas exposições em Leira, Portugal. A fotografia de Theo, maioritariamente a preto e branco, abrange diferentes géneros de fotografia *fineart,* tendendo para o minimalismo.

CRÍTICA

Leituras *Regressos* de Manuel Teixeira-Gomes

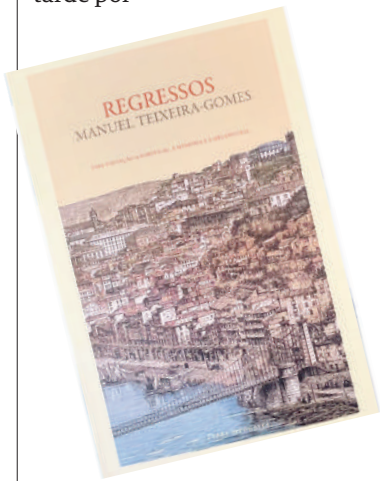
Em boa hora as editoras começaram a recuperar as obras literárias portuguesas da primeira metade do século XX: por esquecidas, pior ainda, por desconhecidas. Mercê do elevado analfabetismo, pouco ou nada se lia - e pouco se lê - e mesmo muitos dos que tinham a ventura de frequentar a escola primária, por aí se ficavam - havia que ir trabalhar - e assim desconheciam por completo os grandes nomes da nossa poética: em prosa, menos ainda em verso.

Letras Graça Sampaio

Depois da Revolução, apenas depois dos tempos do processo revolucionário e da estabilização, a escola começou a abrir-se a todos e as obras literárias começaram timidamente a ser consideradas: Sophia para os mais novos, Eça, Pessoa, um pouco de Torga, de Camões e de Mestre Gil e a *Sibila* para os outros e depois, claro! Saramago. Ignorados os grandes neorrealistas, os presencistas, Virgílio Ferreira, o grande Sena, Agustina, sem nomear os finisseculares completamente desconhecidos.

Mas sim, vamos vendo reeditados Ferreira de Castro, Agustina, Sena e recentemente *Regressos* (Quetzal, agosto, 2024) do escritor/presidente da República Manuel Teixeira--Gomes (1860-1941), publicado pela primeira vez em 1935 pela *Seara Nova*.

Prefaciado por Urbano Tavares Rodrigues, grande estudioso de toda a sua vida e obra, e por Francisco José Viegas, seu atual editor, e com o subtítulo "uma visitação a Portugal, à memória e à melancolia", *Regressos* é composto por doze pequenas composições que rememoram passeios realizados por Portugal antes de 1900. Os primeiros, em modo fragmento, foram escritos entre 1916/17 e recordam Évora, Alcobaça e Sintra. Só depois de 1928, já em Bougie, na Argélia - onde se autoexilou em 1925 e de onde nunca regressou a Portugal - o autor lançou mão de pequenos apontamentos e da sua brilhante memória para escrever os restantes.

Ao estilo de literatura de viagem, já praticada por Ramalho Ortigão, Raul Brandão, Garrett - e mais tarde por Saramago - é uma maravilha passear-se o leitor pelos sítios seus conhecidos ou não, pintados por quem tão bem sabe usar as palavras, a sua musicalidade e ritmo desenhando, de memória, sítios e paisagens. Não se pense, porém, que ficamos pela descrição: a propósito de um areal, um jardim, uma flor, Teixeira-Gomes insere personagens que introduzem episódios divertidos usando de uma ironia que nunca poupa o atavismo, a incultura, o desmazelo pátrios, senhor que era de uma vastíssima cultura e muito viajado. Exemplo em "O Museu dos Coches". (p.67)

Salientaria dois textos: "No Algarve" (p. 79), a sua amada terra, (nado e criado em Portimão) que descreve e relembra em emocionado pormenor exigindo ser nomeada como a verdadeira Hélade natural. O outro, o mais longo e mais truculento, é "Lisboa" (p. 147) onde se passeia com António Nobre, Fialho, Gomes Leal em grande estúrdia, visitando prostíbulos, ao mesmo tempo que frequenta as festas e jantares da nobreza - ele, ferrenho republicano - e de importantes políticos estrangeiros. A crítica é feroz, a ironia é jocosa e aqui ressalta o erotismo, a estética do corpo, objeto do desejo tão presentes na escrita de Teixeira--Gomes.

Professora
Texto escrito segundo as regras do Acordo Ortográfico de 1990

E assim acontece
Escolhas de Outono

Eu por mim desligava já o botão do calor e entrava a toda a velocidade no outono com uma chuvinha moderada, uma boa sopa do lavrador, um livro no regaço, uma ida ao cinema, uma visita à MUJI, um concerto numa boa sala, de preferência sem gente a filmar-se de costas para o palco. Quanto ao clima, pouco se pode fazer (ou talvez possa), que isto anda tudo virado do avesso, mas em relação às outras coisas boas da vida, dá para avançar. É a chamada rentrée e eis algumas das minhas escolhas:

Música João Brilhante

1 - Beth Gibbons e Nick Cave têm novos discos, que vou ouvindo no *streaming* com bastante agrado, diria mesmo que *Wild God*, de Cave, vai ainda mais além dos anteriores *Ghosteen* (2019) e *Skeleton Tree* (2026). *Lives Outgrown*, da Senhora Portishead, anda ali entre a luz e a sombra, entre o oriente e o ocidente - quanto mais se ouve, mais bonito se torna. Mas a compra do mês, numa FNAC surpreendentemente renovada no Colombo, foi *Delaware*, a reedição em vinil da estreia dos *muy amados* Drop Nineteens em 1993.

2 - É já este fim de semana que reabre ao público o Centro de Arte Moderna (CAM) da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. Dois dias de festa com entrada gratuita, num edifício redesenhado pelo arquiteto japonês Kengo Kuma. Entre palestras, exposições, live arts e outras boas iniciativas, destaca-se os *lives* de Nala Sinephro, Tim Reaper e Nídia com a curadoria do coletivo Filho Único. E Lisboa aqui tão perto.

3 - Nas leituras trago ainda das férias a cativante ficção policial do escritor norueguês Jo Nesbø com o seu *best seller Lua de Sangue*, mas que interrompi agora para ler *Solidão de Israel*, um ensaio do filósofo Bernard-Henri Lévy, que pode ajudar a perceber melhor o que se passa por estes dias em Israel e na Palestina. Ou não. A juntar a estes dois livros sobre diferentes tipos de crime, há que acrescentar ainda a autobiografia fragmentada de Pedro Almodóvar, *O Último Sonho*, que vou lendo aos solavancos.

4 - No Cinema, tenho o *Grand Tour* do realizador português Miguel Gomes na agenda como prioritário e aguardo ansiosamente a estreia do novo *Joker*, isto enquanto não chega o premiado *The Room Next Door* de Pedro Almodóvar, um filme com Tilda Swinton e Julianne Moore que arrancou 18 minutos de palmas em Veneza. Pelo meio há ainda mais uma edição do Doclisboa e muitos documentários para descobrir ao calhas, como manda a tradição.

Promotor musical
Texto escrito segundo as regras do Acordo Ortográfico de 1990

Confissões de uma cineasta O Futuro Distópico em *Metropolis*, de Fritz Lang

Com o início do ano lectivo começam, também, as minhas aulas de Cinema. Nesta fase, costumo dar prioridade à história do Cinema e abordar os movimentos cinematográficos que já vivemos ou ainda estamos a viver. Muitas vezes, ficamos presos ao que Hollywood nos trouxe, mas o Cinema desenvolveu--se em todo o lado e cada país deu um bocadinho de si tornando esta uma disciplina, profundamente, rica.

Cinema Cátia Biscaia

E, só por causa das coisas, aproveito hoje, para abordar o Expressionismo Alemão neste cantinho. E, obviamente, que para isso tenho de falar do filme *Metropolis*, realizado por Fritz Lang em 1927 - baseado num romance de Thea von Harbou -, que continua a ser uma das obras mais impactantes e visionárias da história do cinema.

Ambientado num futuro distópico, *Metropolis* apresenta-nos uma sociedade profundamente dividida entre uma elite privilegiada, que vive numa cidade luxuosa, e uma classe trabalhadora oprimida, confinada a um submundo de fábricas. A obra antecipa uma série de temas que ressoam com as questões do presente, sendo um reflexo impressionante de como a ficção científica pode projetar as inquietações sociais e políticas de qualquer época.

No centro da narrativa, encontramos Freder, o filho do governante da cidade, que se apaixona por Maria, uma figura messiânica entre os trabalhadores. Este amor transforma-se no catalisador para a sua tomada de consciência das injustiças da sociedade. A luta entre classes é uma das metáforas mais fortes de *Metropolis*, um tema que, quase um século depois, continua a ser relevante. Num mundo onde a desigualdade económica e social se torna cada vez mais pronunciada, o filme torna-se uma reflexão pungente sobre as consequências da industrialização desumanizante e do capitalismo desenfreado.

Além da sua crítica social, *Metropolis* é também uma obra visualmente extraordinária. A monumental arquitetura da cidade e os efeitos especiais pioneiros criam uma atmosfera de grandeza e opressão. O filme antecipa, de forma impressionante, as paisagens urbanas futuristas que, posteriormente, influenciaram gerações de cineastas. A estética expressionista alemã, que Lang tão bem dominava, contribui para a criação de um ambiente surreal, onde a tecnologia se torna tanto uma promessa de progresso como uma ameaça à humanidade.

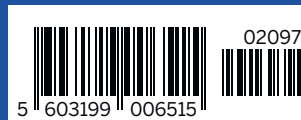
Fritz Lang oferece-nos um vislumbre de um futuro que, apesar de sombrio, ainda pode ser moldado, e o filme, mesmo após quase cem anos, continua a ser uma advertência e uma esperança de que, com o coração como guia, podemos construir um futuro mais justo e humano.

Realizadora e fotógrafa
Texto escrito segundo as regras do Acordo Ortográfico de 1990

Se te quiserem convencer de que é impossível, diz--lhes que impossível é ficares calado, impossível é não teres voz. Temos direito a viver
José Luís Peixoto

Desporto
AC Sismaria celebra 50 anos de andebol e direcção está preocupada com o futuro Pág. 24

Hóquei
SL Marrazes duplica número de atletas e reclama espaço para treinar Pág. 25

www.jornaldeleiria.pt
Jorlis - Edições e Publicações, Lda.
Parque Movicortes
2404-006 Azoia - Leiria
Tel. 244 800 400 (Chamada para rede fixa nacional)
geral@jornaldeleiria.pt

Detidas três pessoas suspeitas de atearem sete fogos na região

As autoridades policiais detiveram, nos últimos dias, três pessoas suspeitas de atearem sete fogos que deflagraram em Alvaiázere, Batalha e Pombal. Uma terceira pessoa foi identificada por, "de forma involuntária", ter provocado o incêndio que, no sábado, atingiu uma zona de povoamento florestal, na Redinha, Pombal.

Na terça-feira, a Polícia Judiciária (PJ) anunciou a detenção de um homem, de 39 anos, "fortemente indiciado" pelo crime de incêndio florestal, praticado na noite anterior em São Mamede, concelho da Batalha. Em comunicado, a Judiciária adianta que o suspeito, "usando do isqueiro", "ateou incêndio em floresta" numa zona "adjacente a habitações e a uma mancha florestal constituída por mato, pinheiro bravo e carvalhos". Com esse acto, colocou "em perigo a integridade física e a vida de pessoas, habitações e mancha florestal de consideráveis dimensões", alega a PJ, sublinhando que o incêndio "não assumiu proporções mais gravosas devido à rápida e eficaz intervenção, essencialmente de vizinhos que acorreram ao local, numa fase inicial".

No dia anterior, segunda-feira, as autoridades procederam à detenção de uma mulher de 33 anos, pela "presumível autoria de cinco crimes de incêndio florestal". Em comunicado, a PJ adianta que a suspeita terá ateado dois fogos a 13 de Setembro e outros três no dia 16, em Maças de Dona Maria, concelho de Alvaiázere. Também neste caso, foi utilizada "chama directa", ateando os incêndios numa zona com "vasta mancha florestal", confinante com área urbana, "colocando em perigo a integridade física e a vida de pessoas, de habitações e da mancha florestal com centenas de hectares", descreve a mesma força de segurança. O incêndio não assumiu proporções mais gravosas devido à "rápida e eficaz intervenção dos populares, bombeiros e meios aéreos".

Já a GNR de Pombal deteve, no domingo, um homem de 75 anos, que provocou um incêndio ao queimar "amontoados de sobrantes agrícolas", na localidade de Casal d'Além. Segundo esta força de segurança, a queimada "descontrolou-se, tendo consumido uma área total de 100 metros quadrados de povoamento vegetal misto e mato".

Os militares da GNR deslocaram-se para o local e, no decorrer das diligências policiais, "o autor foi localizado, detido, constituído arguido e os factos comunicados ao Tribunal Judicial de Pombal".

Também no concelho de Pombal, a GNR identificou, no sábado, um homem de 38 anos que "provocou de forma involuntária" o incêndio, quando "estava a realizar trabalhos agrícolas com uma roçadora". Este incêndio aconteceu na localidade de Bernardos, freguesia da Redinha, e mobilizou cerca de 60 operacionais e 19 viaturas.